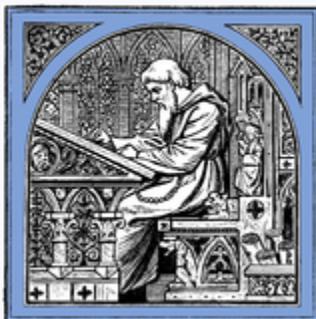


# A velhice do Padre Eterno

Guerra Junqueiro



Conteúdo exportado da wiki Wikisource em 25 de agosto de 2021

- [Aos simples](#)
- [A vinha do Senhor](#)
- [A caridade e a justiça](#)
- [O papão](#)
- [Parasitas](#)
- [Resposta ao Sillabus](#)
- [O baptismo](#)
- [Eurico](#)
- [A árvore do mal](#)
- [A semana santa](#)
- [A barca de S. Pedro](#)
- [Ladainha](#)
- [Como se faz um monstro](#)
- [Calembour](#)
- [A água de Lourdes](#)
- [Antonelli](#)
- [O dinheiro de S. Pedro](#)
- [Ao nuncio Masella](#)
- [Ladainha moderna](#)
- [O melro](#)
- [Circular](#)
- [A bênção da locomotiva](#)
- [A hydra](#)
- [A valla commum](#)
- [A sesta do Sr. Abade](#)
- [O gêneseis](#)
- [Fantasma](#)
- [Post Scriptum](#)

Ó almas que viveis puras, immaculadas  
Na torre do luar da graça e da illusão,  
Vós que ainda conservaes, intactas, perfumadas,  
As rosas para nós ha tanto desfolhadas  
Na aridez sepulchral do nosso coração;  
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,  
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,  
Da luz, olhar de Deus, da luz, bênção d'amor,  
Que faz rir um nectario ao pé de cada abelha,  
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;  
Almas, onde resplende, almas, onde se espelha  
A candura innocente e a bondade christã,  
Como n'um céu d'Abril o arco da alliança,  
Como n'um lago azul a estrella da manhã;  
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rença,  
Vasos d'oiro contendo aberto um lírio santo,  
Um lírio immorreidoiro, um lírio alabastrino,  
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,  
E a piedade florir com seu clarão divino;  
Almas que atravessaes o lodo da existência,  
Este lodo perverso, iníquo, envenenado,  
Levando sobre a fronte o esplendor da innocência,  
Calcando sob os pés o dragão do peccado;  
Bemdictas sejaes, vós, almas que est'alma adora,  
Almas cheias de paz, humildade e alegria,  
Para quem a consciência é o sol de toda a hora,  
Para quem a virtude é o pão de cada dia!  
Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo,

Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;  
E tudo quanto em mim ha de bello ou de puro.  
- Desde a esmola que eu dou á prece que eu murmuro -  
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.  
Lá da minha distante e encantadora infância,  
D'esse ninho d'amor e saudade sem fim,  
Chega-me ainda a vossa angélica fragrância  
Como uma harpa eólia a cantar a distância,  
Como um véo branco ao longe inda a acenar por mim!

...

...

...

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,  
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.  
Cahia mansa a noite; as andorinhas aos pares  
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,  
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.  
Era hora em que já sobre o feno das eiras  
Dormia quieto e manso o impávido lebréu.  
Vinham-nos das montanhas as canções das ceifeiras,  
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céo!...  
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,  
Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,  
Eu balbuciava a minha infantil oração,  
Pedindo a Deus que está no azul do firmamento  
Que mandasse um allívio a cada soffrimento,  
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.  
Por todos eu orava e por todos pedia.  
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,

Por todas as paixões e por todas as mágoas...  
Pelos míseros que entre os uivos das procellas  
Vão em noite sem lua e n'um barco sem vellas  
Errantes atravez do turbilhão das águas.

O meu coração puro, immaculado e santo  
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,  
Para toda a nudez um panno do seu manto,  
Para toda a miséria o orvalho do seu pranto  
E para todo o crime o seu perdão de Pae!...

...

...

A minha mãe faltou-me era eu pequenino,  
Mas da sua piedade o fulgor diamantino  
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,  
Como junto d'um leão um sorriso divino,  
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

\* \* \* \*

Ó crentes, como vós, no íntimo do peito  
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.  
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:  
Creio que Deus é eterno e a alma é immortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.  
Quando a lama apodrece ina o clarão scintilla:  
Tirae o corpo - e fica uma língoa de chamma...  
Tirae a alma - e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae este clarão? Mysterio...  
Não sei... mas sei que sempre ha-de arder e brilhar,  
Quer tivesse incendiado o cranco de Tibério,  
Quer tivesse aureolado a fronte de Joanna Darc.  
Sim, creio que depois do derradeiro somno  
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz  
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,  
Para o santo que expira inerme n'uma cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta  
N'um Deus que ha-de guardar por sua propria mão  
N'uma jaula de ferro a alma de Lucusta,  
N'um relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze,  
E me julgueis talvez o maior dos atheus,  
Que no universo inteiro ha uma só diocese  
E uma só cathedral com um só bispo--Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste  
E a excommunhão papal nos abraze e destrua,  
A analyse é feroz como uma lança em riste  
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,  
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.  
Exhumemos a fé d'esse montão de escombros,  
Desentulhemos Deus d'essa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,  
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,  
Da razão e da fé os dois olhos da alma,  
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctua;  
A razão é do céu o esplendido pharol:  
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...  
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

\* \* \* \*

Mas, ai eu comprehendo os martyrios secretos  
Do pobre camponez, já quasi secular,  
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,  
A casa onde nasceu seu pae, e onde os seus netos  
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.  
Comprehendo o pavor e a lividez tremente  
De quem em noite má, caliginosa e fria  
Atravessa a montanha á luz d'um facho ardente  
E uma rajada vem alucinadamente  
Apagar-lh'o c'o'a aza athletica e sombria,  
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos  
A ouvir o ulular das feras e os bramidos  
Do ciclone que explue rouco do sorvedeiro  
E se enrosca furioso aos platanos partidos  
A estrangulal-os, como uma giboia um toiro.

Comprehendo a agonia, o desespero insano

Do naufrago na rocha, entre o abysmo do oceano,  
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões  
Como uma cordilheira herculea de montanhas,  
Com jaulas collossaes de bronze nas entranhas,  
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

...

...

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,  
É um Deus que para nós ha muito que está morto,  
E que inda imaginaes no entretanto immortal.  
Vivei e adormecei n'essa crença illusoria,  
Já não podeis transpôr os mil annos da historia  
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.  
Vivei e adormecei n'essa illusão sagrada,  
Fitando até morrer os olhos de Jesus,  
Como o ephemero vão que dura um quasi nada,  
Que nasce de manhã n'um raio d'alvorada,  
E expira ao pôr do sol n'outro raio de luz.  
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,  
Não é a que illumina as bandas do Porvir.  
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera  
Que sustenta e dá inda um tom de primavera  
Aos velhos torreões gothicos a cahir.  
Sim, essa crença é um erro, uma illusão, é certo;  
Mas triste de quem vae pelo areal deserto  
Vagabundo, esfaímado e nú como Caim,  
Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes  
D'uma cidade d'oiro e marmore e diamantes  
No chimerico azul d'essa amplidão sem fim!

Quem ha-de arrancar pois do seu piedoso engaste  
O vosso ingenuo ideal, ó tremulos velhinhos,  
Se a chimera é uma rosa e a existencia uma haste,  
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!  
Quem vos ha-de cortar a flor da vossa esp'rança,  
Quem vos ha-de apagar a angelica visão,  
Se essa luz para vós é como uma creança  
Que guia n'uma estrada um cégo pela mão!  
Quem vos ha-de acordar d'esse sonho encantado?!  
Quem vos ha-de mostrar a evidencia cruel?!  
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,  
E deixemos fazer ao enxame doirado  
No tronco que está morto o seu favo de mel!  
Ó velhos aldeões, exhaustos de fadiga,  
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,  
Roubar-vos da vos'alma a vossa crença antiga  
Seria como quem roubasse a uma mendiga  
As tres achas que leva á noite para o lar!  
Oh, não! guardae-a bem essa crença d'outrora;  
É ella quem vos dá a paz benigna e santa,  
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,  
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta.  
Guardae-a sim, guardae! E quando a morte em breve  
Vos entre na choupana esqualida e feroz,  
A agonia será bem rapida e bem leve,  
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve  
Ha-de estender sorrindo as azas sobre vós.  
E vós conhecereis em seu olhar materno  
Que é o anjo que emballou vosso somno infantil,

E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno,  
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,  
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.

E ao pender-vos gelada a vossa fronte alabastrina  
Irá levar a Deus o vosso coração,  
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,  
Que Deus ha-de beijal-o e aquecel-o no peito,  
Como se acaso fosse uma pomba divina,  
Que viesse cair-lhe exanime na mão!

# I

Existiu n'outro tempo uma vinha piedosa  
Doirada pelo sol da alma de Jesus,  
Uma vinha que dava uns fructos côm de roza,  
Vermelhos como o sangue e puros como a luz.

Inundavam-n'a d'agua os olhos de Maria,  
E os virgens corações dos martyres, dos crentes  
Eram a terra funda aonde se embebia  
A mystica raiz dos pampanos virentes.

Produzia um licor balsamico, divino,  
Que aos cégos dava luz, aos tristes dava esp'rança,  
E que fazia ver na areia do destino  
A miragem feliz da bemaventurança.

Aos mortos restituia o movimento e a falla;  
Escravisava a carne, as tentações, a dôr,  
E transformou em santa a impura de Magdala,  
Como transforma Abril um verme n'uma flôr.

Bebel-o era beber uma virtuosa essencia  
Que ungia o coração de perfumes ideaes,  
Pondo no labio um riso ingenuo de innocencia,  
Como o d'agua a correr, virgem, dos mananciaes.

Dava um tal esplendor ás almas, tal pureza  
Que nos Circos de Roma até se viu baixar  
Diante da nudez das virgens sem defeza  
Ao magro leão da Nubia o curuscante olhar.

## II

Mas passado algum tempo a humanidade inteira  
De tal modo gostou d'esse licor sublime,  
Que o extasis christão tornou-se em bebedeira,  
E o sonho em pezadello, e o pezadello em crime.

Nas solidões do claustro as virgens inflamadas  
Co'as fortes atracções da mistica ambrozia  
Torciam-se febris, convulsas, desvairadas,  
Meretrizes de Deus n'uma piedosa orgia.

É que no vinho antigo ia á noite o demonio  
Lançar co'a garra adunca uma infernal mistura  
De mandragora e opio e helleboro e stramonio,  
Verdenegro e viscoso extracto de loucura.

Quando uivava de noite o vento nas campinas  
Via-se pela sombra, obliquo, Satanaz,  
Colhendo aos pés da força ou buscando entre as ruinas  
Hervas, vegetações, prenes de essencias más.

Era o filtro subtil d'essas plantas de morte  
Que fazia da alma um derviche incoherente,  
Uma bussola doida á procura do norte  
Uma c ega a tatear no vacuo, anciosamente!...

E a taça do veneno estonteador e amargo  
No funebre banquete ia de mão em mão,  
Produzindo o delirio, a syncope, o lethargo  
E em cada olhar sinistro uma cruel visão.

Uns viam a espectral sarabanda frenetica  
De esqueletos a rir e a dançar com furor  
Em torno à Morte podre, impudente, epileptica,  
Com dois ossos em cruz rufando n'um tambor.

Outros viam chegado o pavoroso instante  
Em que um monstro do fogo, um dragão areolito,  
Dava na terra um n  c'oa cauda flammejante,  
Arrebatando-a, a arder, atravez do infinito.

E então para fugir ao desespero e ao panico  
Bebiam com mais ancia o filtro singular.  
Até à epilepsia, ao turbilhão tetanico  
Do sabat desgrenhado e erotico, a espumar!

E à força de beber o tragico veneno  
Tombou por terra exhausta a humanidade emfim,  
Como em Londres, de noite, ao p  d'um antro obsceno  
C e sob a lama inerte um bebado de gim.

### III

Mas n'isto despontou a esplendida manhã  
D'um mundo juvenil, robusto, afrodisiaco:  
A Renascença foi para a embriaguez christã  
A excitação vital d'um frasco de amoniaco.

E na vinha de Deus ainda florescente  
Começou a nascer por essa occasião  
Um bicho que enterrava escandalosamente  
Nos pampanos da crença as unhas da razão.

Propagou-se o flagello; o mal recrudescceu;  
A colheita ficou em duas terças partes;  
Chega o oidium Lutero, o verme Galileu,  
E cai-lhe o temporal de Newton e Descartes.

Em balde Carlos nove, Ignacio e Torquemada,  
Catando esses pulgões das bíblicas videiras,  
Os entregam á roda, ao cadafalso, á espada,  
Ou os queimam por junto aos centos nas fogueiras.

O estrago cada vez era maior, mais forte;  
Apezar da realeza, o throno e a sachristia  
Andarem sacudindo o enxofrador da morte  
No formigueiro vil das pragas da heresia.

Por ultimo Voltaire--filoxera invade  
Essa encosta plantada outr'ora por Jesus,  
E das cepas ideaes da escura meia idade  
Ficaram simplesmente uns velhos troncos nús.

#### IV

Mas como havia ainda alguns consumidores  
D'esse vinho que o sol deixou de fecundar,  
Uns velhos cardeaes, habeis exploradores,  
Reuniram-se em concilio afim de os imitar.

E é assim que Antonelli, o verdadeiro papa,  
O chimico da fé, um grande industrial,  
Fabrica para o mundo ingenuo uma zurrapa  
Que elle assevera que é o antigo vinho ideal.

Para isso combina os varios elementos  
Que compõem esta droga: o nome de Maria,  
Anjos e cherubins, infernos e tormentos,  
Bastante estupidez e immensa hypocrizia.

Põe isto tudo a ferver, liga, combina, mexe,  
E, filtrando atravez d'uns textos de latim,  
Eis preparado o vinho, ou antes o campeche,  
Que a saúde da alma hade arruinar por fim.

Mas como o paladar de muitos europeus  
Quasi prefere já (horível impiedade!)  
Á falsificação do vinho do bom Deus  
O vinho genuino e puro da verdade;

E como já por isso, (assim como era d'antes)  
A Igreja não nos queime e o rei não nos enforque,  
A curia procurou mercados mais distantes,  
O Japão, o Perú, a Australia e Nova York.

Os \_comis-voageurs\_ de Roma--os Lazaristas  
Com as carregações vão atravez do oceano,  
Por toda a parte abrindo os armazens papistas,  
A fim de dar consumo ao vinho ultramontano.

Em cada igreja existe uma taberna franca  
Para impingir a tal mixordia, o tal horror,  
Ou secca ou doce, ou velha ou nova, ou tinta ou branca,  
Segundo as condições e a fé do bebedor.

Para Hespanha vão muito uns vinhos infernaes,  
Um veneno explosivo e forte que produz  
Um delirio tremente--o General Narvaes,  
E um vomito de sangue--o cura Santa Cruz.

Portugal quer vinagre. A Italia quer falerno.  
Veillot quer agua-raz que ponha a lingua em braza.  
E John Bull, por exemplo, um pouco mais moderno,

Manda ao diabo a botica, e faz a droga em casa.

Ao povo, esse animal, que o Padre Eterno monta,  
Como é pobre, coitado, então a Santa Sé  
Fabrica lhe uma borra incrível, muito em conta,  
Um pouco de melaço e um pouco d'agua-pé.

A fina flôr christã, a flôr altiva e nobre,  
O rico sangue azul do bairro S. Germano,  
Para quem o bom Deus é um gentil-homem pobre  
A quem se dá de esmola alguns milhões por anno.

Essa como detesta os vinhos maus, baratos,  
Como é de raça illustre e debil compleição,  
Mandam-lhe um elixir que serve para os flatos,  
Ou para pôr no lenço ao ir á communhão.

De resto ha quem, bebendo essa tisana impura,  
Sinta a impressão que outr'ora o nectar produzia.  
São milagres da fé. Ditosa a creatura  
Que no ruibarbo encontra o sabor da ambrosia.

E eu não vos vou magoar, ó almas côr de rosa  
Que inda achaes neste vinho o esquecimento e a paz!  
Não insulto quem bebe a droga venenosa;  
Accuso simplesmente o charlatão que a faz.

No topo do calvario erguia-se uma cruz,  
E pregado sobre ella o corpo do Jesus,  
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas  
Corriam pelo ar como grandes manadas  
De bufalos. A lua ensanguentada e fria,  
Triste como um soluço immenso de Maria,  
Lançava sobre a paz das coizas naturaes  
A merencoria luz feita de brancos ais.  
As arvores que outr'ora em dias de calor  
Abriaram Jesus, cheias de magua e dôr,  
Sonhavam, na mudez herculea dos heroes.  
Deixaram de cantar todos os rouxinoes,  
Um silencio pesado amortalhava o mundo.  
Unicamente ao longe o velho mar profundo  
Descantava chorando os psalmos da agonia.

Jesus, quasi a expirar, cheio de dôr, sorria.  
Os abutres crueis pairavam lentamente  
A farejar-lhe o corpo; ás vezes de repente  
Uma nuvem toldava a face do luar,  
E um clarão de gangrena, estranho, singular,  
Lançava sob a cruz uns tons esverdeados.  
Crucitavam ao longe os corvos esfaimados;  
Mas passado um instante a lua branca e pura  
Irrompia outra vez da grande nevoa escura,  
E inundavam-se então as chagas de Jesus  
Nas pulverisações balsamicas da luz.

No momento em que havia a grande escuridão,  
Christo sentiu alguém aproximar-se, e então  
Olhou e viu surgir no horror das trevas mudas  
O cobarde perfil sacrilego de Judas.  
O traidor, contemplando o olhar do Nazareno,  
Tão cheio de desdem, tão nobre, tão sereno,  
Convulso de terror fugiu... Mas nesse instante  
Surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante,  
Que bradou:

É chegado emfim o teu castigo

O traidor teve medo e balbuciou:

— Amigo,  
Que pretendes de mim? dize, por quem esperas?  
Quem és tu?

— O Remorso, um caçador de feras,  
Disse o gigante. Eu ando ha mais de seis mil annos  
A caçar pelo mundo as almas dos tiranos,  
Do traidor, do ladrão, do vil, do scelerado;  
E depois de as prender tenho-as encarcerado  
Na enormissima jaula atroz da expiação.  
E quando eu entro ali na immensa confusão  
De tigres, de leões, d'abutres, de chacaes,  
De rugidos febris e de gritos bestiaes,  
Fica tudo a tremer, quieto de horror e espanto.

Caim baixa a pupilla e vai deitar-se a um canto.  
E quando em summa algum dos monstros quer lutar  
Azorrago-o co'a luz febril do meu olhar,  
Dando-lhe um pontapé, como n'um cão mendigo.  
Já sabes quem eu sou, Judas; anda comigo!

Como um preso que quer comprar um carcereiro,  
Judas tirou do manto a bolça do dinheiro,  
Dizendo-lhe:

— Aqui tens, e deixa-me partir...

O gigante fitou-o e começou a rir.

Houve um grande silencio. O infame Iskariote,  
Como um negro que vê a ponta d'um chicote,  
Tremia. Finalmente o vulto respondeu:

«Judas, podes guardar esse dinheiro; é teu.  
O oiro da traição pertence-lhe ao traidor,  
Como o riso á innocencia e como o aroma á flôr.  
Esse oiro é para ti o eterno pesadello.  
Oh! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derretel-o,  
E lançar-t'o depois caustico, vivo, ardente,  
Lançar-t'o gota a gota, inexoravelmente  
Em cima da consciencia, a pudrida, a execravel!  
Com elle hei de fundir a algema inquebrantavel,  
A grilheta que a tua esqualida memoria  
Trará, arrastará pelas galés da Historia,

Durante a eternidade illimitada e calma.  
Essa bolsa que ahi tens é o cancro da tua alma:  
Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso,  
Como a lepra nojenta ao peito do leproso,  
Como o iman ao ferro e o verme á podridão.  
Não poderás jámais largal-a da tua mão!  
És traidor, assassino, hypocrita, perjuro;  
A tua alma lançada em cima d'um monturo  
Faria nodoa. És tudo o que ha de mais vil,  
Desde o ventre do sapo á baba do reptil.  
Sahe da existencia! dize á sombra que te acoite.  
Monstro, procura a paz! verme, procura a noite!  
Que o sol não veja mais um unico momento  
O teu olhar obliquo e o teu perfil nojento.  
Esse crime, bandido, é um crime que profana,  
Todas as grandes leis da vida universal.  
Esconde-te na morte, assim como um chacal  
No seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco.  
Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco!  
És livre; adeus. Já brilha o astro matutino,  
E eu, caçador feroz, cumprindo o meu destino,  
Continuarei caçando os javalis nos matos.»

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.  
Judas, ficando só, meteu-se pela estrada,  
Caminhando ligeiro, impavido, terrível,  
Como um homem que leva um fim imprescriptivel

Uma ideia qualquer, heroica e sobranceira;  
De repente estacou. Havia uma figueira  
Projectando na estrada a larga sombra escura;  
Judas, desenrolando a corda da cintura,  
Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,  
Dando um laço á garganta. O seu olhar odioso  
Tinha n'esse momento um brilho diamantino,  
Recto como um juiz, forte como um destino.

N'isto echoou atravez do negro céo profundo  
A voz celestial de Jesus moribundo,  
Que lhe disse:

— «Traidor, concedo-te o perdão.  
Além de meu carrasco és inda o meu irmão.  
Pregaste-me na cruz; é o mesmo, fica em paz.  
Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz.  
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrificio.  
Não te cause remorso o meu atroz suplicio,  
Estes golpes crueis, estas horriveis dores.  
As chagas para mim são outras tantas flôres!»

Judas fitou ao longe os cerros do calvario,  
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,  
Exclamou:

— «Não acceito a tua compaixão.  
A Justiça dos bons consiste no perdão.  
Un justo não perdôa. A justiça é implacavel.

A minha acção é infame, hedionda, miseravel;  
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Farizeus.  
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,  
Vais vêr como esse monstro, ó pobre Christo nu,  
É maior do que Deus, mais justo do que tu:  
Á tua caridade humanitaria e doce,  
Eu prefiro o dever terrivel!»

E enforcou-se.

As creanças têm medo á noite, ás horas mortas  
Do papão que as espera, hediondo, atraz das portas,  
Para as levar no bolso ou no capuz d'um frade.  
Não te rias da infancia, ó velha humanidade,  
Que tu tambem tens medo ao barbaro papão,  
Que ruge pela boca enorme do trovão,  
Que abençôa os punhaes sangrentos dos tyranos,  
Um papão que não faz a barba ha seis mil annos,  
E que mora, segundo os bonzos têm escripto,  
Lá em cima, de traz da porta do Infinito.

No meio d'uma feira, uns poucos de palhaços  
Andavam a mostrar em cima d'um jumento  
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,  
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hypocritas, devassos,  
Exploravam assim a flor do sentimento,  
E o monstro arregalava os grandes olhos baços,  
Uns olhos sem calor e sem intendmento.

E toda a gente deu esmola aos taes ciganos;  
Deram esmola até mendigos quasi nùs.  
E eu, ao ver este quadro, apóstolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funambulos da Cruz.  
Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos  
Exhibindo, explorando o corpo de Jesus.

Fanaticos, ouvi as coisas que eu vos digo:

Dentro d'essa prisão cruel do dogma antigo  
A consciencia não póde estar paralisada,  
Como n'um velho catre uma velha entrevada.  
Tudo se modifica e tudo se renova:  
Da escura podridão nojenta de uma cova  
Sae uma flôr vermelha a rir alegremente.  
A ideia tambem muda a pel' como a serpente.  
O que era hontem grão é hoje a seara immensa.  
A Verdade sahiu d'esse casulo--a Crença,  
Assim como sahiu do velho o mundo novo.  
Recolher outra vez a aguia no seu ovo  
É impossivel; quebrou o involucro ao nascer.  
Como é que pòdes tu ó Igreja, pretender,  
Cerrando na tua mão um box enorme--o inferno,  
Levar aos encontrões o espirito moderno,  
Leval-o para traz, para o passado escuro,  
Como um bandido leva um homem contra um muro?!  
A trajetoria immensa e fulva da verdade  
Não se póde suster com a facilidade  
Com que Jusué susteve o sol no firmamento.  
Atirar a justiça, a ideia, o pensamento  
Ás fogueiras da fé, ó bonzos, é impossivel:  
Reduzirdes a cinza o que? O incombustivel!  
Loucos! ide dizer ao velho Torquemada  
Que queime se é capaz n'um forno uma alvorada!  
..... Sacristas,

Ajuntae, reuni os balandraus papistas,  
As fardas sepulcraes do exercito da fé,  
A capa de Tartufo, a loba de Claret,  
A cogula do monge, enfim, tudo que seja  
Côr da nolte; arrancae o velho crepe á igreja,  
Dos caixões descosei os panos funerarios,  
Tisnae co'a vossa lingua as alvas e os sudarios,  
E se inda precisaes mais sombras, mais farrapos,  
Pedi ao corvo a aza, o ventre immundo aos sapos,  
Fabricae d'isto tudo uma cortina immensa,  
E tapando com ella o sol da nossa crença,  
Nem mesmo assim fareis o eclipse da aurora!  
A consciencia não é a besta d'uma nora.  
Lembraí-vos que o Progresso é um carro sem travão,  
E que apagar em nós o facho da razão  
É o mesmo que apagar o sol quando flameja  
Com um apagador de lata d'uma igreja.  
Bonzos, podeis dizer á humanidade--Pára!--  
Co'a foice excomunhão podeis ceifar a ceara  
Da heresia; podeis, segundo as ordenanças,  
Metter pedras de sal na boca das creanças,  
Fazer do Deus do amor o Deus barbaridade,  
Chamar á estupidez irmã da caridade  
E jesuita a Jesus e Christo a Carlos sete;  
Vós podeis discutir junto da campá o frete,  
Recoveiros de Deus, o frete que é preciso  
Para irdes levar lá cima ao paraíso  
A alma d'um defunto; ó bonzos, vós podeis  
Ir pedir emprestado um exercito aos reis

E defender com elle o papa, o vaticano,  
Do cerco que lhe faz o pensamento humano,  
Pondo adiante d'um dogma a boca d'um canhão;  
Podeis encarcerar dentro da inquisição  
Galileu; vós podeis, anões, contra os ciclopes  
Roncar latim, zurrar sermões, brandir hyssopes,  
Que não conseguireis que a Liberdade vista  
A batina pingada e rota d'um sacrista,  
Que o direito se ordene, e que a Justiça queira  
Ir a Roma tomar, constricta, o véo de freira!

Exeat de vobis spiritus malignas. RITUAL.

Baptisaes: arrancaes d'um anjo um satanaz.  
Desinfectaes Ariel banhando-o em aguarraz  
De egreja e no latim que um malandro expectora,  
Dizeis á noite:--limpa a tunica da aurora,  
E ao rouxinol dizeis:--pede a benção da c'ruja.  
Daes os lirios em flôr ao rol da roupa suja,  
Representaes a farça estúpida e sombria  
D'um conego a lavar um astro n'uma pia,  
Finalmente extrahis da innocencia o pecado,  
Que é o mesmo que extrahir d'uma rosa um cevado,  
E tudo isto porque?  
Porque na biblia um mono  
Devora uma maçã sem licença do dono!

Cod. civil art. 1057 e 4031

Eurico, Eurico, ó pallida figura,  
Lastimoso, romantico levita,  
Que nos serros do Calpe em noite escura  
Ergues as mãos á abobada infinita;

Rasga a pagina santa da Escriptura;  
O espirito de luz que em nós habita  
Já não consente essa ideal loucura  
Que faz do amor uma paixão maldita.

Deixa a soidão dos montes escalvados;  
Não soltes mais os threnos inflamados,  
Nem tenhas medo ás garras do demonio.

Beija a Hermengarda, a timida donzella.  
E vai de braço dado tu e ella  
Contrahir civilmente o matrimonio.

Por debaixo do azul sereno, entre a fragancia  
Dos mirtos, dos rosaes,  
Viviam n'uma doce e n'uma eterna infancia  
Nossos primeiros paes.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,  
Mais puros que os diamantes,  
Conservavam ainda a virgindade nua  
Das coisas ignorantes.

Poz Deus n'esse jardim com sua mão astuta  
Ao lado da innocencia  
A Arvore do Mal que produzia a fructa  
Venenosa da sciencia.

E, apesar de conter venenos homicidas  
E o germen do pecado,  
Era Deus quem comia á noite, ás escondidas,  
Esse fructo vedado.

Por isso Jehovah tinha sciencia infinda,  
Tinha um poder secreto,  
E Adão que não provara os fructos era ainda  
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o bello fructo impuro,  
O fructo da Rasão.

N'esse instante sublime Eva tinha o Futuro  
Na palma da sua mão!

O homem, abandonado a submissão covarde,  
Viu o fructo e comeu.  
Esse fructo é a luz que a Jupiter mais tarde  
Roubará Prometheu.

E ao vêr igual a si a estatua que creara,  
O homem reprobó e nu,  
Jehovah exclamou: «Maldita seja a seara  
cuja semente és tu!»

Veio depois a Egreja e repetiu aos crentes  
De toda a humanidade:  
«Maldito seja sempre o que enterrar os dentes  
Nos fructos da Verdade!»

A Egreja permittia esse vedado pomo  
Sòmente aos sacerdotes.  
Da arvore do mal fugia o mundo, como  
Os lobos dos archotes.

Se o sabio que buscava o oiro nas retortas  
Ia como um ladrão  
Roubar timidamente, á noite, ás horas mortas  
Algum fructo do chão,

Tiravam-lhe da boca esse fructo damninho

D'uma maneira suave:  
Atando-lhe á garganta uma corda de linho  
Suspensa d'uma trave.

Um dia um visionario, alma vertiginosa,  
Espírito immortal,  
Foi deitar-se, que horror! á sombra temerosa  
Da Arvore do Mal.

A Egreja ao vêr aquella intrepida heresia  
Lança-lhe excomunhões;  
Tomba por terra um fructo... e Newton descobria  
A lei das atracções!

Sacudi, sacudi, a arvore maldita,  
Que os astros tombarão,  
Como se sacudisse a abobada infinita  
Deus com a propria mão!

E quando o mundo inteiro enfim houver comido  
Até á saciedade  
O fructo que lhe estava ha tanto prohibido,  
O fructo da Verdade,

Homens, dissei então a Jehovah: «Tirano,  
Vai-te embora d'aqui!  
Construimos de novo o paraiso humano;  
Fizemol-o sem ti.

«Expulsaste do Olimpo a humanidade outr'ora,  
Ó despota feroz;  
Pois bem, o Olimpo é nosso, e Jehovah, agora  
Expulsamos-te nós!

# I

Não podendo dormir no horror da sepultura,  
Na podridão escura  
Da terra immunda e fria,  
Voltaire despedaçando o feretro chumbado,  
E cingindo o lençol ao corpo esverdeado  
Resuscitou um dia.

Pairava-lhe no labio o riso fulminante  
Com que outr'ora gravou nas crenças virginaes,  
Como n'um rico espelho a aresta d'um diamante,  
Tamanhas abjecções, sarcasmos tão brutaes.  
Mas era ao mesmo tempo o riso heroico e bom  
Que os tiranos prostrava em misero desmaio,  
Riso a que succedeu o verbo de Danton,  
Como a um trovão succede o lampejar d'um raio.  
Dormira febrilmente um longo somno inquieto  
Em quanto andava o mundo a executar-lhe os planos,  
E vinha ver emfim, diabolico architecto,  
O estado da sua obra ao cabo de cem annos,  
Ó satiro divino, ò monstro da ironia,  
Genio que Deus conduz e Satanaz impelle,  
Que esmagas hoje o infame, e escreves no outro dia  
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle;  
Tu és feito de luz e feito de baixesas,  
Feito de heroicidade e de protervias más;  
Corromperam-te a alma os braços das duquezas

E encarguilhou-te a face o rir de Satanaz.  
Rasgas ao mundo novo a estrada do futuro  
Cantando ao mesmo tempo o sordido deboche:  
És como um Juvenal dentro d'um Epicuro,  
Ó arlequim-titan, ó semi-deus-gavroche.  
N'esse labio mordente esso sorriso eterno  
Faz frio como a ponta aguda d'uma espada;  
O teu genio, Voltaire, é como o sol do inverno,  
Dá muitissima luz, mas não aquece nada.  
Em vão por sobre a paz dos campos desolados  
Elle entorna do azul seus vivos esplendores;  
Não cantam rouxinoes nas sebes dos vallados,  
Não faz nascer o trigo e germinar as flores.  
É que nunca soubeste o que é a dôr profunda  
Que estalla fibra a fibra os grandes corações;  
É que nunca choraste, ó Prometheu corcunda,  
Como Dante chorou, como chorou Camões  
Voltaire, ó rachador de velhos preconceitos,  
Aos golpes de teu riso, a golpes de machado  
Cairam sobre a terra athleticos, desfeitos  
Na floresta da noite os cedros do passado.  
Mataste a tradição, o dogma, o privilegio,  
Assobiaste a rir a fé de nossos paes,  
E andaste pelo azul, hediondo sacrilegio!  
A correr á pedrada os deuses immortaes.  
Empunhando o alvião terrivel da verdade  
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente  
O alicerce de bronze à velha sociedade.  
Do teu riso cruel a onda dissolvente

Foi como os vagalhões, arietes do mar,  
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo  
Que a rocha fica quasi assente sobre o ar.  
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo.  
E depois de ter feito a excavação noturna,  
Como fazem no monte as feras sanguinarias,  
Encheste até á bocca essa medonha furna  
Com barris de petroleo e bombas incendiarias  
E em quanto o niveo pé soberbo de Antonieta  
Da França estrangulava a suplicante voz,  
Tu lançavas de longe a tragica luneta,  
Velho Fauno cruel, rindo com riso atroz.  
Até que um dia emfim exausto de cansaço,  
Sentindo já sem força as garras de condor,  
Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço,  
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.  
Cobriu-se então o azul d'uma tormenta escura,  
Echoou lugubrememente o estrondo de trovão,  
Viste arder o rastilho até uma certa altura,  
E foste-te esconder, a rir, na sepultura  
Mal se ia aproximando a hora da explosão.

Quando resuscitou Voltaire ficou atonito  
Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,  
Mas como desejava andar no mundo incognito,  
E não lêr o seu nome impresso nas gazetas,  
Oh, a necessidade a quanto nos obriga!  
Voltaire o diplomata, o cortezão taful  
Largou a juba d'oiro, a cabelleira antiga

E foi vestir-se á moda aos armazens do Pool.  
Na sexta feira santa os templos percorria  
Voltaire para observar os crentes verdadeiros  
No dia da paixão, no luctuoso dia  
Em que se faz de Christo o deus dos confeitores.  
Arouet, ao vêr aquella estupida farçada,  
Foi acordar Jesus na sua campa ignorada  
E disse-lhe:

## II

—Anda vêr ó Christo estes bandidos.  
Que rostos tão floridos,  
Que bellas digestões!  
Ó pallido Jesus, ò scismador antigo,  
Levanta-te da campa e vem d'ahi commigo  
A vêr estes ladrões.

Nós vamos passeiar juntos, de braço dado,  
Mas vestirás primeiro um frak bem talhado  
De fino pano inglez,  
E hasde pôr na cabeça este chapéu redondo,  
Para ficar gentil, para ficar hediondo  
Como qualquer burguez.

Tu odeias de certo estas casacas pretas,  
Mas não quero, Jesus, que tu me compromettas  
Com esse balandrau muitissimo ratão.  
Se eu fosse ao boulevard contigo e alguém me visse,

Ninguem oh, flôr do tom! ninguem, oh canalhice!  
Me apertaria a mão.

O talhe d'um colete e os pontos d'uma luva,  
A menor frioleira, um simples guarda chuva,  
Substituíram hoje as regras de Lavater:  
Passando eu por accaso enodado e roto,  
Diriam: «Que chapéu! que pulha! que maroto!  
Aquelle homem não tem nem sombras de caracter!»

Anda, veste a farpella. Agora, sim senhor!  
Muito grotesco és, meu pobre Redemptor!  
Vais a comprometter-me, ó alma do Diabo!  
Que figura infeliz, inteiramente chata!...  
Pelo menos corrige o laço da gravata  
E põe na boutonniere este jasmim do Cabo.

Necessitas de ter maneiras delicadas  
E a arte de dizer uns pequeninos nada  
Com chic e distincção. Ser Deus é muito bom;  
Mas é preciso ser um deus da fina roda,  
Um deus do nosso tempo, um deus da ultima moda,  
Um deus petit-crevé, um deus á Benoiton.

Se amanhã por acaso alguém, medita n'isto,  
Te fosse apresentar Sua Ex. o Christo  
Nos devotos salões do bairro São-Germano,  
Oh escandalo! oh farça! oh padre omnipotente!  
As duquezas, sorrindo aristocratamente,

Achavam-te decerto um Deus provinciano.

Saiamos para a rua. A gente anda de lucto,  
Porque consta que outr'ora un visionario, un bruto,  
Se deixara morrer pregado n'um madeiro.  
E hoje em memoria d'isto os paes compram ás filhas,  
Tres caixas de pastilhas  
Na loja d'um doceiro.

Quanta mulher formosa ahi nesses balcões!  
Que lindas tentações,  
Meu palido judeu!  
Deixa por um instante as regiões serenas;  
Namora estas pequenas,  
Que ellas hão de gostar do teu perfil hebreu.

Arranja um casamento e aprende a ter juizo.  
A noiva pouco importa; o dote é que preciso  
Discutil-o. Olha lá, os paes que sejam velhos!...  
Que vá para o diabo o reino da Utupia!  
E hãode-te nomear socio da academia  
E, quem sabe! talvez barão dos Evangelhos.

Penetremos na igreja a vêr esta farçada.  
Uns entram para vêr a casa illuminada,  
Os dandys é por chic, os velhos por decôro;  
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,  
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,  
Para matar o tempo ou arranjar namoro.

Lá vai o pregador dizer a seremonata  
Tussiu cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata  
E começa a fallar. Tem uns bonitos dentes.  
E com gesto facundo e voz amaneirada  
Receita una enfiada  
De tropos excellentes.

Acabou se. O auditorio  
Gostou do farelorio  
Como gostámos nós.  
Soltam-se exclamações por entre algum rumor:  
— Muito bem! muito bem! — É um grande pregador!  
— Foi um rico sermão! — E que bonita voz!

E é esta a tua casa, ó meu pobre Jesus!  
Não te bastou a cruz;  
Era preciso o altar,  
Que destino cruel, que tragica ironia!  
Nasces na estrebaria,  
Vives no lupanar!

Desfila pela rua immensa multidão.  
Saiu a procissão;  
Paremos um instante. É curioso isto.  
Que farças imbecis, que velhas pompas mudas!  
Lá vae pegando ao palio o teu amigo Judas,  
Que está, como tu vês, commendador de Christo!

Os anjos theatraes caminham lentamente  
Com azas de galão feitas expressamente  
Nas lojas de Pariz.  
Pobres anjos do céu! querem martirisa-los:  
Vão cheios de suor e apertam-lhe os calos  
As botas de verniz.

Agora passas tu n'um palanquim bordado.  
Coidado!  
Muito trabalho tem quem faz religiões!  
Repara como vais, olha que bella tunica:  
É pavorosa, é unica!  
Off'receu-t'a um burguez n'um dia de eleições.

E atraz do velho andor e atraz das velhas opas  
Vão desfilando agora os esquadrões das tropas  
Com gesto marcial.  
Tu que amavas os bons, os simples e as creanças,  
Seguido como os reis d'um matagal de lanças,  
Meu pobre general!

Terminou a funcção. É negro o firmamento.  
Ai que aborrecimento!  
Ó meu Jesus, que tedio!  
Para poder dormir, para poder ceiar,  
Que hade a gente fazer? vamos ao lupanar,  
Não ha outro remedio.

Alli tens, meu amigo, os conegos vermelhos:

Que rostos joviaes, brunidos como espelhos,  
Que riso debochado e gesto vinolento!  
E á noite, a esta hora, uns padres sem batinas  
Do certo não virão pregar ás concubinas  
O 6º mandamento!

Os teus guardas fieis depois da procissão,  
Já roucos de cantar um velho cantochão,  
Deixaram-te no templo abandonado e só.  
Uns vieram beijar as carnes prostituídas,  
E os outros foram lêr no quarto, ás escondidas,  
Romances de Bollogt.

E como a noite é linda! a branca lua passa,  
Ostentando na frente a pallidez devassa  
D'uma infeliz mulher.  
Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros  
Já não deve admirar que a siphilis chegue aos astros  
E precisem tambem xarope de Gibert!

Meu Pae, vamos ceiar. É quasi madrugada;  
É a hora do tom, a hora consagrada  
Para os ricos festins á viva luz do gaz.  
É a hora da morte, a hora do atahude,  
E a mesma em que repouisa a candida virtude  
Nos braços de Faublas.

Anda não tenhas medo, entra no restaurante.  
A sala está repleta. A purpura brilhante

Dos desejos inflama os sonhos tentadores.  
O champanhe sacode os craneos embriagados,  
E os crimes sensuaes e os vicios delicados  
Rompem n'um turbilhão de venenosas flôres.

O punch, illuminando as faces cadavericas,  
Faz-nos imaginar as saturnaes chimericas  
Que á noite deve haver na \_morgue\_ de Paris,  
Aonde as cortezãs, mais roxas que as violetas,  
Ao luar cantarão as verdes cançonetas  
Das podridões gentis.

Volteiam pelo ar os ditos picarescos,  
Elasticos, febris, doidos, funambulescos,  
Como gnomos de luz vestidos de histriões,  
Dançando, tilintando os guisos argentinos,  
Fazendo á luz do gaz tregeitos libertinos  
Com o riso cruel das hallucinações.

Ceiemos. Manda vir as coisas que preferes;  
E que nos vão buscar duas ou tres mulheres,  
Que as ha perto d'aqui;  
O mais, pede por boca, o meu divino mestre;  
Mas escuta, olha lá, não peças mel silvestre,  
Porque já se não usa e riem se de ti.

E agora é destampar a rubra fantasia!  
Bebe, pragueja, ri, inventa, calumnia,  
Anda! mostra que tens espirito, ladrão!

Não quero vê chorar os olhos teus constrictos;  
Sê canalha com graça, infame com bons ditos,  
Vamos, semsaborão!

Conta-nos em voz alta historias bem galantes,  
Segredos irritantes,  
Vergonhas sensuaes,  
Adulterios da moda, escandalos, miserias,  
Tudo isto, já se vê, com optimas pilherias,  
Bastante originaes.

Tu precisas perder esse teu ar de adventicio  
E um certo horror ao vicio,  
D'um pedantismo ignaro;  
Formosura sem vicio é coisa que não tenta;  
O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta,  
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Conversemos, alegre a tua fronte augusta.  
Sê espirituoso, inventa, o que te custa!  
Uma infamia qualquer muitissimo engenhosa...  
Tens um amigo? bem, vamos calumnial-o;  
Tens amantes? melhor, eu dou-te o meu cavallo  
E dás-me a mais formosa.

Parece que o rubor te vai subindo ás faces...  
Ó Filho, não me masses!  
Ó Filho, tem piedade!  
Deixa-te de sermões; no fim de contas eu

Sou muito bom christão... um pouquinho atheu,  
Como um christão qualquer da fina sociedade.

Saiamos; rompe a aurora. A burguezia dorme,  
Como a giboia enorme  
Que resona, depois de devorar um toiro;  
Ó giboia feliz, ó burguezia, ò pança,  
Dorme com segurança  
Que a forza está de guarda aos teus bezerros d'oiro.

E chama-se Progresso, ó Deus, esta farçada!  
Isto é o cinismo alvar e em pêllo, à desfilada,  
É a prostituição ignobil da mulher,  
São desejos brutaes, é carne em plena orgia,  
Emfim a saturnal da podre burguezia,  
Que resa como o papa e ri como Voltaire.

Morrendo o velho Deus, o velho Deus tirano,  
Este mundo burguez, catholico-romano  
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;  
A justiça era elle o Padre-omnipotente;  
Esse Padre morreu; ficou nos simplesmente  
Um unico evangelho--o codigo penal.

A consciencia humana é um monte de destroços.  
Foram-se as orações, foram-se os padres-nossos,  
Tombou a fé, tombou o céo, tombou o altar;  
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio  
É simplesmente um freio

Para conter a raiva á besta popular.

A crassa burguezia, essa recua fradesca,  
Opipara, animal, silenica, grotesca,  
Namora a Deuza-carne e adora o Deus-milhão;  
E as almas, fermentando assim n'esta impureza,  
Resvalam sensuaes do leito para a meza.  
Da meza para o chão.

Vendem-se a peso d'oiro as languidas donzellas,  
Mais torpes que as cadellas,  
Que ao menos dão de graça o libertino amor,  
E o Dever, a Saude, o Justo, o Verdadeiro,  
Esses ricos metaes fundem-se no brazeiro  
D'um sensualismo espresso, atroz, devorador.

A agiotagem, a bolsa, a cotação dos fundos,  
É o principio rei dominador dos mundos,  
É um sangue vital, forte como o cognac.  
Engordae, engordae ó bravos homens serios,  
Que servis para dar esterco aos cemiterios  
E musica a Offenbak.

A vergonha morreu, a dignidade foi-se.  
O mundo official è um vergonhoso alcoice,  
E a plebe tripudiando em horridas orgias  
Lança sobre o Direito um pustulento escarro,  
E acende, cambaleando, a ponta do cigarro  
Na fogueira que abrasa o Louvre e as Tulherias.

A família é um bordel. Os leitos sensuaes  
São verdadeiramente esgotos seminaes,  
Eroticas latrinas,  
Onde entre o tumultuar d'um debochado goso  
Se fabrica de noite o sangue escrofuloso  
Das raças libertinas.

Calemo-nos. Eu oiço as ferraduras de Argus.  
É a Ordem e a Lei; correm a trotes largos,  
Vêm n'esta direcção, esconde-te, Jesus!  
Metamo-nos aqui n'um beco, anda ligeiro!  
Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro,  
Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.

E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco,  
E tu, meu pobre louco,  
Descança inda que seja um breve quarto d'hora;  
Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente,  
É hoje a Alleluia, e necessariamente  
Tens de resuscitar logo ao romper d'aurora.

Eu mais feliz que tu, simples mortal que sou,  
Eu, meu amigo, vou  
Dormir até que chegue a hora do jantar.  
Adeus, e resuscita apenas surja o dia;  
Se queres vem dormir á minha hospedaria,  
Que eu mando-te acordar.»

E Arouet partiu, soltando uma cruel risada  
E Jesus ficou só na noite desolada,  
N'aquella colossal Babilonia impudente,  
Entre quatro milhões do almas quatro milhões  
De tigres, do reptis, de abutres e de leões  
Agachados na sombra ameaçadoramente!...

Quem a visse do alto essa Londres deserta  
Com a fosforencia esmorecida, incerta  
Da luz do gaz a arder sob um cèo tumular,  
Julgaria estar vendo um grande monstro escuro,  
Como que um Leviatham putrido n'um monturo  
Immenso a fermentar.

A noite era sinistra. Os ventos a galope  
Resfolegavam como as forjas d'um ciclope  
Com uivos de alienado e rugidos de feras.  
E o mar bramia ao longe athletico, espumante  
Qual marmita profunda a ferver trovejante  
Sobre cem mil crateras.

E Christo foi andando errante, vagabundo  
Atravez dessa vasta imperatriz do mundo,  
Opulenta Gomorra hidropica do vicio,  
Que Deus não enxofrou talvez, como costuma,  
Porque além de estar caro o enxofre, Deus em suma  
Já não pode arruinar-se em fogos de artificio.

E elle ia vendo os mil palacios portentosos

Onde a besta feliz dormia, ebria de gosos,  
Um inefavel somno.  
Em quanto que a miseria anonima, esfaimada  
Ás tres da madrugada  
Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.

As altas cathedraes, aonde a borguezia  
Vai arrotar um pouco á missa do meio dia;  
Tinham como que o ar d'um theatro fechado  
O aspecto mercantil d'um armazem colosso,  
Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso  
E o céu por atacado.

Os bancos, Pantagrueis do milhão, monumentos  
De marmore e granito e bronze, somnolentos  
Molochs, cuja pança obesa é um matadouro,  
Na virtuosa paz de monstros em descanso  
Digeriam de manso  
Nos seus ventres de ferro um Himalaia d'oiro.

Nos mundos hospitaes, onde emfim a desgraça  
Tem a consolação do agonisar de graça,  
Santos, monstros, heroes,--Tropmans, Valgeans, Phrinés  
Anciavam no estertôr do tranze derradeiro,  
— Lixo que um bonzo vae entregar a um coveiro  
Para o calcar aos pés.

E era aquella immundicie humana a humanidade!  
Tinha valido bem a pena na verdade

Pregado n'uma cruz morrer como um ladrão,  
Para ao cabo de dois mil annos vir achar  
Pilatos sob o throno e Caifaz sobre o altar  
De diadema na fronte e baculo na mão!

Arrazou-se de pranto o olhar do Nazareno,  
Aquelle olhar profundo, aquelle olhar sereno  
Que outr'ora deu alivio a tantos corações,  
E a linha virginal de seu perfil suave  
Turbou-se, apresentando o aspecto mudo e grave  
Daz nobres afflições.

E marmoreo, espectral, com a fronte sombria  
Banhada no suor sangrento da agonia  
Foi deitar-se outra vez na leiva tumular,  
Athleta que expirou tranzido de mil dôres  
E quer dormir, dormir entre as hervas e as flores  
Onde escorre piedosa a branca luz do luar.

E quando a christandade á volta do meio dia  
Correu ao templo a ver o entremez da Alleluia,  
Em logar d'um Jesus banal de ciclorama  
Subindo ao firmamento,  
D'olhos azues n'um céu d'anil, tunica ao vento,  
Sobre nuvens de gloria, de algodão em rama,  
Viu-se na tela um Christo em furia, um visionario,  
Truculento, febril, colerico, incendiario,  
Como que um salteador fugido das galés,  
Na bôca uma blasfemia e no olhar um archote,

Expulsando da igreja os christãos a chicote  
E expulsando do altar o papa a pontapés!

Na barca de S. Pedro ex-santo, hoje banqueiro,  
São tantos os caixões com bulas da cruzada,  
E tanto o oiro em barra, as joias, o dinheiro,  
O navio é tão velho e a carga é tão pesada;

Os anneis, os setins, as purpuras, as rendas,  
As mitras d'oiro fino, os bentos, as imagens,  
As pratas, os cristaes, os vinhos, as of'rendas,  
Os meninos do côro, os famulos, os pagens;

O macisso tropel de conegos vermelhos,  
De sacristas, bedeis, archeiros, missionarios,  
E o damasco, o velludo, os bronzes, os espelhos,  
o silabus, a curia, as forcas, os rosarios;

As pipas e os toneis com aguas milagrosas,  
Que ainda causam hoje o mais profundo assombro;  
Dos velhos cardeaes as cortezãs formosas,  
E o cura Santa Cruz de bacamarte ao hombro;

Esta orgia pagã, esta riqueza immensa  
Atulham de tal forma a barca ultramontana,  
É tão desenfreado o vento da descrença,  
E o mar é tão revolto, a carga é tão mundana;

Que a barca do senhor, outr'ora dirigida  
Por doze galileus descalços, quasi nus,  
Ella que atravessava o grande mar da vida

Tendo só por farol os olhos de Jesus;

A barca que atravez do horror da tempestade,  
Arvorando no mastro o pavilhão da Esp'rança,  
Levava os corações de toda a cristandade  
Ao grande porto ideal da Bemaventurança;

Hoje ao peso cruel d'este deboche hediondo  
Essa barca da Igreja, esse colosso antigo  
Sossobrará, o Deus, com pavoroso estrondo,  
Indo dormir ao pé dos galeões de Vigo.

S. Ignacio

Bemdicto quem nos dá o pão de cada dia.

Coro de Santos

Bemdicta a Estupidez, bemdicta a Hipocrisia.

S. Ignacio

Bemdicta seja a força erguida sobre o mundo.

Coro de Santos

Bemdicto Carlos sete e D. Miguel segundo.

S. Ignacio

Bemdicto seja o tigre e o lobo carniceiro.

Coro de Santos

Bemdicto seja el-rei D. João terceiro.

S. Ignacio

Bemdictas sejaes vós, ovelhas de Maria.

Coro de Santos

E mais a vossa lã, e mais quem n'a tosquia.

S. Ignacio

Bemdictos os chacaes, bemdictas as toupeiras.

Coro de Santos

E a lingua da verdade e as linguas das fogueiras.

S. Ignacio

Bemdictos os febris venenos orientaes.

Coro de Santos

E o Santo padre Borgia e muitos Santos mais...

S. Ignacio

Bemdicta a nossa Fé, bemdicta a nossa Igreja.

Coro de Santos

Bemdicto o nosso ventre! Amen. Bemdicto seja!

# I

Elle era n'esse tempo uma creança loira  
Vivendo na abundancia agreste da lavoira,  
Ao vento, a chuva, ao sol, pastoreando os gados,  
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,  
Atravessando á noite os solitarios montes,  
Dormindo a boa sésta ao pé das claras fontes,  
Trepando aos pinheiraes, ás fragas, aos barrancos,  
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,  
Radioso como a aurora e bom como a alegria.  
Quando no azul do céo cantava a cotovia,  
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada  
Transportava ao casebre o leite da manada,  
Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,  
Os lebreus nos portaes e as aves nos seus ninhos.  
E á tarde quando o sol, extraordinario Rubens,  
Na fantasmagoria esplendida das nuvens,  
Colorista febril, lança, desfaz, derrama  
O topasio, o rubi, a prata, o oiro, a chama,  
Elle ia então sosinho, alegre intemerato,  
Conduzindo a beber ao tremulo regato,  
A golpes de verdasca e gritos estridentes,  
N'um ruidoso tropel os grandes bois pacientes.  
O seu olhar azul de limpidez virtuosa,  
Onde brilhava a audacia heroica e valorosa  
A candura infantil e a intelligencia rara,

O timbre da sua voz imperiosa e clara,  
A linha do seu corpo altivamente recta,  
Tudo lhe dava o ar soberbo d'um athleta  
Em miniatura.

## II

Um dia o pae, um bravo aldeão,  
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

«João:

Á força de trabalho e a força de canceiras  
A moirejar no monte e a levar gado ás feiras,  
Consegui ajuntar ao canto do bahù  
Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu,  
Além de ser mais novo, és mais intelligente.  
Vou botarte ao latim; quero fazer-te agente.  
Hasde-me dar ainda um grande prégador.  
Hoje padre é melhor talvez que ser doutor.  
Aquillo è grande vida; é vida regalada.  
Olha, sabes que mais? manda ao diabo a enxada.  
Aquillo é que é vidinha! aquillo é que é descanso!  
Arrecada-se a congrua, engrola-se o ripanço,  
Arranja-se um sermão ahi com quatro tretas,  
Vai-se escorropichando o vinho das galhetas,

E a missa seis vintens e doze os baptisados.  
Depois independente e sem nenhuns cuidados!  
Olha, João, vê tu o nosso padre cura:  
É, sem tirar nem pôr, uma cavalgadura.  
Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;  
Pois tem feito um casão em meia duzia d'annos.  
Isto é desenganar; padres sabem-na toda...  
É o sermão, é a missa, é o enterro, é a boda,  
É pinga da melhor, é tudo quando ha!  
Quando o abade morrer hasde vir tu p'ra cá.  
Despacha-te o doutor nas côrtes; quando não  
Votamos contra elle, e foi-se-lhe a eleição.  
Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira!  
É tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira  
Toca pr'o seminario. Eu quero ir para a cova  
Só depois de ti ouvir cantar a missa nova.»

### III

N'uma tarde d'outomno a somnolente trote  
Um macho conduzia em cima do albardão,  
Já columna da egreja, o novo sacerdote,  
O muitissimo illustre e digno padre João.  
Ao entrarem na aldeia os dois irracionaes,  
Dos foguetes ao grande e jubiloso estrepito  
Um velho recebeu nos braços paternaes,  
Em vez do alegre filho, um monstro já decrepito

Que acabava de vir das jaulas clericas.  
Que transfiguração! que radical mudança!  
Em lugar da innocente, angelica creança,  
Voltava um chimpanzé estúpido e bisonho.  
Com o ar de quem anda hallucinadamente  
Preso nas espiraes diabolicas d'um sonho.  
Seu corpo juvenil, robusto e florescente  
Vergava para o chão exausto de cansaço:  
Os dogmas são de bronze, e a lâ d'uma batina  
Já vai pesando mais que as armaduras d'aço.  
A ignorancia profunda, a estupidez suina  
A luxuria d'egreja, ardente, clandestina,  
O remorso, o terror, o fanatismo inquieto,  
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso  
Na atonia cruel d'aquelle hediondo aspecto,  
Na morna fixidez d'aquelle olhar obtuso.  
Metida nas prisões escuras de Loyola  
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar.  
Foi com os rouxinoes, que dentro da gaiola  
Perdem toda alegria, e morrem sem cantar.

#### IV

Como ninguem ignora, os sordidos palhaços  
Compram, roubam às mães as loiras creancinhas,  
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,  
Transformam-lhes n'um juco elastico as espinhas,

E exhibem-nas depois nos palcos das barracas  
Dando saltos mortaes e devorando facas  
Ante o espanto imbecil da ingenua multidão;  
E para lhes cobrir a lividez plangente  
Costumam-lhes pintar carnavalescamente  
Na face de alvaiade um rir de vermelhão.  
Tambem o jesuitismo hipocrita-romano,  
Palhaço clerical, anda pelos caminhos  
A comprar, a furtar, assim como um cigano,  
As creanças ás mães, os rouxinoes aos ninhos.  
Vão leval-as depois ao negro seminario,  
Ás terriveis galés, ao sacro matadouro,  
E escondem-nas da luz, assim como o usurario  
Esconde tambem d'ella os seus punhados d'oiro.  
Dentro da estupidez e da superstição,  
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,  
A analize, esse forte e venenoso fluido,  
Que, andando em liberdade, ao minimo descuido  
Poderia estoirar com tragica explosão.  
O que o palhaço faz ao corpo da creança  
Fazem-lh'o á alma, até que d'ella reste emfim,  
Em logar do histrião que nas barracas dança,  
O pobre missionario, o inutil manequim,  
O histrião que nos prega a bemaventurança  
A murros do missal e a roncros de latim.  
As almas infantis são brandas como a neve,  
São perolas de leite em urnas virginaes.  
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve  
Cristalisa em seguida e não se apaga mais.

D'esta forma consegue o astucioso clero  
Transformar de repente uma creança loira  
N'um passaro nocturno estúpido e sincero.  
É abrir-lhe na cabeça a golpes de tesoura  
A marca industrial do fabricante--um zero!

Ó Jesuitas, vois sois dum faro tão astuto,  
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,  
Que é incrível até que o filho de Maria  
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,  
Andando ha tanto tempo em tão má companhia.

Se ergueis uma capella á agua milagrosa,  
Esse elixir divino,  
Então erguei tambem um templo á caparosa  
E outro templo ao quinino.

Se a agua faz milagre, o que eu vos não discuto,  
E por isso a adorais,  
Ajoelhemos então em face do bismuto  
E d'outras drogas mais.

Façamos da magnesia e cloroformio e arnica  
As hostias do sacrario;  
Transformemos o templo emfim n'uma botica  
E Deus n'um boticario.

Que a vossa agua opere immensas maravilhas  
Eu não duvido nada:  
É o Espirito Santo engarrafado em bilhas,  
É o milagre á canada.

Desde que se espalhou pelo universo o echo  
Do milagre feliz,  
Tartufo nunca mais encheu o seu caneco  
Em outro chafariz!

Uma loba emprenhou um dia de Tartufo,  
E Antonelli nasceu d'este consorcio bufo.

O seu labio despresa; o seu olhar dardeja.  
Cassagnac de Deus, guarda-costas da Egreja,

Redige as pastoraes brutaes de que se nutre  
Co'um tinteiro de treva e uma penna de abutre.

Bossuet-Ferrabraz e Falstaf-Isaias.  
Bebe petroleo negro e gim nas sacristias.

Não ha pomba mais tigre ou Santo mais demonio:  
Fera,--como Caim! rato,--como Polonio!

N'aquelle olhar nocturno, inquizidor, que assusta,  
Ha Nero a murmurar nas sombras com Locusta.

O cabeção que traz na batina de lilla  
Erriçam-no punhaes: era d'um cão de fila.

O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade,  
Para um dia expulsar do mundo a Liberdade

Fez um latego atroz, que corta e que esfarrapa,  
Atando uma serpente ao baculo de um papa.

Quando observo esse monstro, essa alimária brava,

Hercules que talhou d'um hyssope uma clava,

Ao vêr-lhe os rins de bronze, e ao vêr-lhe a erecta fronte,  
Creio estar contemplando ao longe, no horisonte,

Entre o rubro esplendor d'uma manhã sonora,  
Um bufalo de treva ás cornadas na aurora!

De tal modo imitou o papa a singileza  
Do martyr do Calvario,  
Que á força de gastar os bens com a pobreza  
Tornou-se milionario.

Tu hoje pódes vêr, ó filho de Maria,  
O teu vigario humilde  
Conversando na bolsa em fundos da Turquia  
Com o Barão Rotschild.

A cruz da redempção, que deu ao mundo a vida  
Por te aver dado a morte.  
Tem-a no seu bureau o padre santo erguida  
Sobre uma caixa forte.

E toda essa riqueza immensa, acumulada  
Por tantos financeiros,  
O que é a economia, oh Deus! foi começada  
Só com trinta dinheiros!

O Padre Eterno está coberto do masellas,  
E tu, (teu nome o atesta, ó bonzo,) és uma d'ellas.  
Masella, escuta:

Deus, o Deus em que acredito,  
Essa luz que allumina essa noite — o infinito,  
Esse efluvio d'amor que em tudo anda disperso,  
Espírito que, enchendo o abismo do universo.  
Cabe com todo o seu vastissimo esplendor  
N'um olhar de creança ou n'um calix de flor,  
Esse Deus immortal, unico, bom, clemente,  
O Deus de quem tu es o hereje e eu sou o crente,  
Esse Deus ó Masella, é um Deus plebeu e humilde,  
Cuja firma não dá nos banqueiros Rotschild  
Credito algum, um Deus descalço e proletario.  
Que em vez de libras guarda em seu profundo erario  
Montões d'astros, um Deus do tal maneira vil,  
Que não tem cortezãos, não tem lista civil,  
Nem bispos, nem cardiaes, nem sacristães, nem tropa,  
Nem nuncios para dar pelas côrtes da Europa  
Em doirados salões e esplendidas estufas  
Festins onde se serve o Evangelho com trufas,  
A Biblia com champagne, e a alma de Jesus,  
Bem picada, recheiando os faisões e os perus!

Embaixador de quem? de Christo? não; do papa.  
Quem é o papa?

Um Deus inventado á sucapa,  
Um Deus para fazer o qual bastam apenas  
Quatro coisas: — cardeaes, papel, tinteiro e pennas.  
Deita-se n'uma saca uma lista qualquer.  
Qualquer nome — Gregorio, ou Borgia, ou Lacenaire,  
Ou Papavoine — e prompto! em dois minutos fica  
Manipulado um Deus authenticico, obra rica,  
Tonsurado, sagrado, infalivel, divino...  
Quer dizer, sahiu Deus d'uma bolsa do quino!  
É um Deus por concurso, um Deus feitos por tretas,  
E em cuja divindade ideal ha favas pretas!  
Apezar disso é Deus. Vai pousar-lhe no seio  
O Espirito Santo, esse pombo correio  
Da Providencia. É elle o redemptor e o oraculo.  
A humnidade vai adiante do seu baculo,  
Soluçando, ululando, exausta, ensanguentada  
Pavoroso tropel de sombras pela estrada  
Do destino fatal. O pensamento humano  
É simplesmente um cão sabujo e ultramontano,  
Um cão vadio, um cão faminto, um cão impuro,  
Que o papa recolheu de noite n'um monturo,  
E a quem ás vezes dá com parcimonia biblica,  
A pitança d'um Breve e o osso d'uma Enciclica.  
Um papa é isto: — um juiz sem lei; omnipotente.  
Czar das consciencias. Póde irremessivelmente  
Chamuscal-as em fogo, ou torral-as em brazas,  
Ou fazer-lhes nascer das costas um par d'azas.  
O globo é para elle a bôla d'um bilhar.  
Domina os reis. O Throno é o lacaio do Altar.

Seus templos são prisões e seus dogmas algemas.  
Cingem-lhe a fronte augusta e nobre os tres diademas,  
E na potente mão, invencível harpeu,  
Tem as chaves do inferno... e a gazua do céu.

Masella, o theatro é velho, a receita é pequena,  
E ha mil annos que está a mesma farça em scena.  
Abaixo a farça! Abaixo o pardieiro divino,  
O céu, que já não tem nem sombras de inquilino.  
Serafins, cherubins, anjos, legião eterna  
Dos eleitos, tudo isso andou, poz-se na perna,  
Deixando lá ficar, ó cafila d'ingratos!  
O cadaver d'um Deus roido pelos ratos.  
Abaixo o inferno, aonde os démos, meus Irmãos,  
Não têm fogo se quer para aquecer as mãos;  
Porquê lá onde a curia os rebeldes despenha  
Ha sobra do infieis, mas ha falta de lenha.  
Já nem é forno; aquillo é adega sombria,  
Onde o defluxo faz a côrte á pneumonia,  
E onde não ha nariz precito que ande enxuto.  
Cada heresiarca suja um lenço por minuto,  
De modo que hoje o inferno (oxalá que m'o evites,  
Masella!) é de temer por causa das bronchites.  
Abaixo o purgatorio! Entre chamma ex-faminta,  
Que reclama com ancia algumas mãos de tinta,  
Gelam reprobos nus, reprobos em pelote,  
Que precisam d'um fogo, ó céos, ou d'um capote!  
Abaixo a farça! abaixo o entremez da paixão,  
Porque o Christo é de gesso e a cruz de papelão.

Abaixo essa parodia infame em que agonisa  
N'um Golgota de lona um clown sem camisa  
Que, depois d'expirar convulso, de repente  
Salta abaixo da cruz funambulescamente,  
E arranca às multidões assombradas e mudas  
A esportula que cai no saquitel do Judas.

Não! o martyr que fez com o seu olhar sublime  
O luar do Perdão para a noite do Crime,  
E que abriu com a luz da bemaventurança  
N'este carcere a vida, esta janella--a Esp'rança,  
O semi-deus que està, com um farol de gloria  
No topo da montanha escalvada da historia  
Contemplando o infinito e illuminando a terra,  
Essa alma que a flôr da alma humana encerra,  
Não é vossa, não é de qualquer confraria  
Que dispõe d'uma adega escura, d'uma pia  
E d'um padre, não tem o domicilio em Roma,  
Não é vinho nem pão que se beba ou se coma,  
Merendando, em familia. Ess'alma Universal,  
Essa concentração divina do Ideal  
É de quem soffre, é de quem geme, é de quem chora,  
É de todos que vão pela existencia fóra  
Tristes--santo, ou heròe, ou escravo, ou proscripto,  
Calcando o lodo e olhando os astros no Infinito.  
Quando Christo inclinou, morrendo, a fronte calma,  
Foi a Igreja buscar-lhe o corpo e o mundo a alma.  
A Igreja recolheu a cinza e nós a luz.  
E, louca! julgou ser a esposa de Jesus,

Porque estreitava ao peito um cadaver gelado!  
Dez seculos durou na treva esse noivado.  
Dez seculos passou a funebre bacante  
N'um sepulchro a oscular as gangrenas do amante,  
Unido a cada chaga immunda um beijo em flôr,  
Tentando reviver ao furioso calor  
D'esses beijos um corpo inanimado e frio.  
Que tragedia dantesca esse himeneu sombrio!  
Pobre Heloisa da morte, o teu casto Abeillard  
Nem para ti abriu o azul do seu olhar,  
Nem murmurou baixinho uma palavra só!  
E o Deus tornou-se em lodo abjecto e o lodo em pó!  
E na campa nupcial, no talamo--sentina,  
Da carcassa d'um Deus funebre Messalina,  
Putrefacta expiraste ao pé da podridão.  
É que um cadaver, seja ou d'um Christo ou d'um cão.  
Materia morta, exhala a mesma pestilencia.  
Só a alma é immortal; só essa pura essencia,  
Jámais se decompõe ou jámais se aniquila.  
O corpo é simplesmente a alampada de argila;  
A alma, eis o clarão. Por isso o Nazareno  
Pertence ao mundo. Tu escolheste o veneno,  
O cadaver, e nós o Espirito, a alvorada.  
E foi com essa hostia esplendida e sagrada,  
Com a alma de luz do Filho e Maria  
Que o mundo celebrou a grande eucharistia,  
Egreja!... O coração da victima innocente  
Comungamol-o nós: diluiu-se ethereamente,  
Cheio de paz e amor, no coração humano.

Foi um sol que expirou. Onde tombou? No oceano.  
Mas como, p'ra poder explorar sem canceira  
Com o inferno essa mina, a terra essa melgueira,  
O velho Padre-Santo, o Redemptor-Tichborue,  
Precisa d'um Jesus sangrento que lhe adorne  
O altar, e aos pés do altar necessita que esteja  
Toda banhada em pranto a noiva eterna, a Igreja,  
E como o noivo e a noiva ambos tinham morrido,  
O Padre Santo, que é um padre divertido,  
Mandou escripturar então por um cornaca  
Uma Igreja a um bordel e um Christo a uma barraca.

Fóra esse Deus! Abaixo esse Deus salafrario,  
Deus com ramo de loiro á porta do Calvario,  
Deus que marcha ao suplicio, á epopeia da Dôr  
Com Cyreneu na frente a rufar n'um tambor,  
Deus de quem Harpagão é caixeiro e Tartufo  
Guarda livros, um Deus palhaço, um Christo bufo,  
Um martyr de aluguel, ebrio, que se apregoa  
Com guisos atinir nos espinhos da c'roa,  
Um Deus a quem Mandrin passou folha corrida,  
Um Deus que fez da morte o seu modo de vida,  
Um Deus que representa a farça da Paixão  
Pintado, ensanguentado a vinho e a vermelhão,  
Um Deus que sobe ao céu, acrobata farnesio,  
Em aerostato, a vai no banho d'um trapesio  
A fazer o signal da cruz e a prancha com limpeza  
Identica, arrojando á multidão surpresa  
Benções anjelicaes variadas e embrulhadas

Em prospectos, e enfim descendo ás gargalhadas,  
Para ir repartir em qualquer sacristia  
Os lucros da função por toda a companhia!

Que regabofe! O Christo, um magro actor de fama,  
Estropeado galan senil depois do drama,  
Lava o gesso e o zarcão da tromoia sangrenta  
Com a esponja do fel na pia da agua benta.  
A Magdalena, vesga e sordida rameira,  
Guarba os seios de estopa, o prato, a cabelleira,  
Limpa a maceração do olhar, que causa asco,  
Feita a rolha queimada e inutil d'algun frasco  
De mercurio ou de absinto, e, como uma alcateia,  
Atira-se esfaimada ao bacalhau da ceia.  
O bom do Cyrineu, a transpirar, pragueja;  
Manda aos quintos a cruz e manda ao diabo a egreja;  
Despe a farpela, e bebe a rir alegremente,  
D'um trago só, canada e meia de aguardente.  
Pilatos o pançudo e calvo safardana  
Ronca, dormindo. A vil soldadesca romana  
Tira as barbas, e põe muitissimo pacata  
N'um bahu os morriões e espadagões de lata.  
O bom e o máo ladrão jogam a bisca. O anjo  
Que partira o sepulchro, um robusto marmanjo,  
Desaparafusando as azas d'oiro e o nimbo,  
Pede ao velho Caiphaz lume para o cachimbo  
E grave e silencioso, a um canto o thesoureiro  
— Judas, reparte, empilha em montes o dinheiro  
Da recita, tirando o quinhão do empresario

— O Papa a quem pertence o Theatro do Calvario.  
E dividida a prosa e ruminada a orgia,  
Ao sagrado e doirado alvorecer do dia,  
Lá vai esse roldão de sevandijas podres,  
Cambaleante tropel de ventres feitos odres.  
Indo dormir talvez, oh pandega, oh delicia!  
Jesus co'a Magdalena á esquadra de policia.

Vamos! basta de farça, e basta de farçantes!  
Mil bombas a vapor jorrem desinfectantes  
N'esse velho bordel da Igreja o vaticano,  
Colera! faz-te mar, Justiça! faz-te oceano,  
E inundae, submergi o Versalhes maldito  
De Jehovah, Rei-sol macrobio do infinito.  
Vamos, fogo ao covil! E enquanto os salteadores,  
Nuncios, bispos, cardeaes, conegos, monsenhores,  
Truculenta manada obesa de hipopotamos  
Virgem-mãe dos heróes, ó Liberdade! enxotam'os,  
E faze-m'os transpor, a grunhir, sem demoras  
As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!

S. Leão 13--dai-nos bons bispados,  
S. Leão 13--que nos possam dar  
S. Leão 13--vinte mil crusados.  
S. Leão 13--fòra o pé d'altar.

Santo Antonelli--dai-nos confessadas  
Santo Antonelli--novas, já se vê;  
Santo Antonelli--é melhor casadas,  
Santo Antonelli--bem sabeis porque...

Ó Santo Borgia--ha tanta gente avara!...  
Ó Santo Borgia--ha tantos imbecis!...  
Ó Santo Borgia--como se prepara,  
Ó Santo Borgia--o tal xarope... diz!...

Santa de Lourdes--sois incomparavel!  
Santa de Lourdes--muita agua deita  
Santa de Lourdes--vossa inexgotavel  
Santa de Lourdes--fonte... de receita!

Ó Santa madre--miseros, mesquinhos,  
Ó Santa madre--vemo-nos atonitos,  
Ó Santa madre--p'ra educar sobrinhos  
Ó Santa madre que tem paes incognitos.

Ó Santa igreja mete-nos, no buxo  
Ó Santa igreja--p'ra dár tom á fibra,  
Ó Santa igreja--alguns te-deuns de luxo

Ó Santa igreja--e muita missa a libra

Santo Cinismo--chapa-nos nas faces  
Santo Cinismo--um tal estanho enfim,  
Santo Cinismo--que tu mesmo embaces  
Santo Cinismo--ao vêr cinismo assim.

Santa Intrugice--entrega as almas toscas  
Santa Intrugice--ás nossas artimanhas...  
Santa Intrugice--Deus destina as moscas  
Santa Intrugice--ao papo das aranhas.

S. Regabofe--dai-nos bambochatas  
S. Regabofe--até rollar não chão...  
S. Regabofe--pipa e sermonatas!  
S. Regabofe--porco e cantochão!

Santa Barriga--unica santa nossa,  
Santa Barriga--grande santa és!  
Santa Barriga--alarga, estende, engrossa  
Santa Barriga--e vai da boca aos pés

Santa Preguiça--Santa que consolas,  
Santa Preguiça--não ha nada igual  
Santa Preguiça--a um bom colchão de molas  
Santa Preguiça--e mais etcet'ra e tal!...

S. Venha-a-nós--realisa este desejo,  
S. Venha-a-nós--ingenuo e timorato:

S. Venha-a-nós--faz do universo um queijo

S. Venha-a-nós--e faz de nós um rato!

O melro, eu conheci-o:  
Era negro, vibrante, luzidio,  
Madrugador, jovial;  
Logo de manhã cedo  
Começava a soltar d'entre o arvoredado  
Verdadeiras risadas de cristal.  
E assim que o padre cura abria a porta  
Que dá para o passal,  
Repicando umas finas ironias,  
O melro d'entre a horta  
Dizia-lhe: «Bons dias!»  
E o velho padre cura  
Não gostava d'aquellas cortezias.

O cura era um velhote conservado,  
Malicioso, alegre, prasenteiro;  
Não tinha pombas brancas no telhado,  
Nem rosas no canteiro;  
Andava ás lebres pelo monte, a pé,  
Livre de reumatismos,  
Graças a Deus, e graças a Noé.  
O melro despresava os exorcismos  
Que o padre lhe dizia:  
Cantava, assobiava alegremente,  
Até que ultimamente  
O velho disse um dia:  
«Nada, já não tem geito! este ladrão  
Dá cabo dos trigaes!

Qual seria a razão  
Porque Deus fez os melros e os pardaes?!»

E o melro no entretanto,  
Honesto como um santo,  
Mal vinha no oriente  
A madrugada clara  
Já elle andava jovial, inquieto,  
Comendo alegremente, honradamente,  
Todos os parasitas da seara  
Desde a formiga ao mais pequeno insecto.  
E apesar d'isto o rude proletario,  
O bom trabalhador,  
Nunca exigiu augmento de salario.

Que grande tolo o padre confessor!

Foi para a eira o trigo;  
E armando uns espantalhos  
Disse o abbade comsigo:  
«Acabaram-se as penas e os trabalhos.»  
Mas logo do manhã, maldito espanto!  
O abbade, inda na cama,  
Ouviu do melro o costumado canto,  
Ficou ardendo em chamma;  
Pega na caçadeira,  
Levanta-se d'um salto,  
E vê o melro a assobiar na eira  
Em cima do seu velho chapéu alto!

Chegou a coisa a termo  
Que o bom do padre cura andava enfermo,  
Não fallava nem ria,  
Minado por tão intimo desgosto;  
E o vermelho oleoso do seu rosto  
Tornava-se amarello dia a dia.  
E foi tal a paixão, a desventura,  
(Muito embora o leitor não me acredite)  
Que o bom do padre cura  
Perdera... o appetite!

● \* \* \* \*

Andando no quintal um certo dia  
Lendo em voz alta o \_Velho Testamento\_  
Enxergou por acaso (que alegria!  
Que ditoso momento!)  
Um ninho com seis melros escondido  
Entre uma carvalheira.  
E ao vel-os exclamou enfurecido:

«A mãe comeu o fructo prohibido;  
Esse fructo era a minha sementeira:  
Era o pão, e era o milho;  
Transmittiu-se o peccado.  
E, se a mãe não pagou, que pague o filho,

É doutrina da Igreja. Estou vingado!»

E engaiolando os pobres passaritos  
Soltava exclamações:  
«É uma praga. Maldictos!  
Dão-me cabo de tudo estes ladrões!  
Raios os partam! andai lá que emfim...»

E deixando a gaiola pendurada  
Continuou a ler o seu latim  
Fungando uma pitada.

● \* \* \* \*

Vinha tombando a noite silenciosa;  
E caía por sobre a natureza  
Uma serena paz religiosa,  
Uma bella tristesa  
Harmonica, viril, indefinida.  
A luz crepuscular  
Infiltra-nos na alma dolorida  
Um mysticismo heroico e salutar.  
As arvores, de luz inda doiradas,  
Sobre os montes longiquos, solitarios,  
Tinham tomado as fórmias rendilhadas  
Das plantas dos herbarios.  
Recolhiam-se a casa os lavradores.

Dormiam virginaes as coisas mansas:  
Os rebanhos e as flores,  
As aves e as creanças.

Ia subindo a escada o velho abbade;  
A sua negra, athletica figura  
Destacava na frouxa claridade,  
Como uma nodoa escura.  
E introduzindo a chave no portal  
Murmurou entre dentes:

«Tal e qual... tal e qual!...  
Guisados com arroz são excellentes.»

● \* \* \* \*

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos  
Tinham o brilho meigo, avelludado  
Do sorriso dos martyres, dos justos.  
Um effluvio dormente e perfumado  
Embebedava as seivas luxuriantes.  
Todas as forças vivas da materia  
Murmuravam dialogos gigantes  
Pela amplidão etherea.  
São precisos silencios virginaes,  
Disposições sympathicas, nervosas,  
Para ouvir estas fallas silenciosas

Dos mudos vegetaes.  
As orvalhadas, frescas espessuras  
Presentiam-se quasi a germinar.  
Desmaiavam-se as candidas verduras  
Nos Magnetismos brancos do luar.

.....

● \* \* \* \*

E n'isto o melro foi direito ao ninho.  
Para o agasalhar andou buscando  
Um pennugens doces como arminho,  
Um feltrosito assetinado e brando.  
Chegou lá, e viu tudo.  
Partiu como uma frecha; e louco e mudo  
Correu por todo o matagal; em vão!  
Mas eis que solta de repente um grito  
Indo encontrar os filhos na prisão.

«Quem vos metteu aqui?!» O mais velhito  
Todo tremente, murmurou então:

«Foi aquelle homem negro.--Quando veio  
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...  
Ai que susto, que susto! Elle é tão feio!...  
Tive-lhe tanto medo!... Abre esta porta,  
E esconde-nos debaixo da tua aza!

Olha, já vão florindo as assucenas;  
Vamos a construir a nossa casa  
N'um bonito logar...  
Ai! quem me dera, minha mãe, ter pennas  
Para vôar, vôar!»

E o melro hallucinado  
Clamou:

«Senhor! Senhor!  
É por ventura crime ou é peccado  
Que eu tenha muito amor  
A estes innocentes?!  
Ó natureza, ó Deus, como consentes  
Que me roubem assim os meus filhinhos,  
Os filhos que eu criei!  
Quanta dôr, quanto amor, quantos carinhos,  
Quanta noite perdida  
Nem eu sei...  
E tudo, tudo em vão!  
Filhos da minha vida!  
Filhos do coração!!...  
Não bastaria a natureza inteira,  
Não bastaria o céu para voardes,  
E prendem-vos assim d'esta maneira!...  
Covardes!  
A luz, a luz, o movimento insano  
Eis o aguilhão, a fé que nos abraza...  
Encarcerar a aza

É encarcerar o pensamento humano.  
A culpa tive-a eu! quasi á noitinha  
Parti, deixei-os sós ...  
A culpa tive-a eu, a culpa é minha,  
De mais ninguém!... Que atroz!  
E eu devia saber-o!  
Eu tinha obrigação de adivinhar...  
Remorso eterno! eterno pesadello!...  
.....  
Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera  
Ser abutre ou ser féra  
Para partir o carcere maldicto!...  
E como a noite é limpida e formosa!  
Nem um ai, nem um grito...  
Que noite triste! oh noite silenciosa!...»

● \* \* \* \*

E a natureza fresca, onnipotente,  
Sorria castamente  
Com o sorriso alegre dos heroes.  
Nas sebes orvalhadas,  
Entre folhas luzentes como espadas,  
Cantavam rouxinoes.

Os vegetaes felizes  
Mergulhavam as sofregas raizes

A procurar na terra as seivas boas,  
Com a avidez e as raivas tenebrosas  
Das pequeninas feras vigorosas  
Sugando á noite os peitos das leoas.  
A lua triste, a lua merencorea,  
Desdemonia marmorea,  
Rolava pelo azul da immensidade,  
Immersa n'uma luz serena e fria,  
Branca como a harmonia,  
Pura como a verdade.  
E entre a luz do luar e os sons e as flores,  
Na atonia cruel das grandes dores,  
O melro solitario  
Jazia inerte, exanime, sereno,  
Bem como outr'ora a mãe do Nazareno  
Na noite do calvario!...  
Segundo o seu costume habitual,  
Logo de madrugada  
O padre-cura foi para o quintal,  
Levando a biblia e sobraçando a enxada.  
Antes de dizer missa,  
O velho abade inevitavelmente  
Tratava da hortaliça  
E resava a Deus Padre Onipotente  
Varios trechos latinos,  
Salvando d'esta forma juntamente  
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando:

--«Olé!

Dormiram bem?... Estimo...

Eu lhes darei o mimo,

Canalha vil, grandissima ralè!

Então vocês, seus almas do diabo,

Julgavam que isto que era só dar cabo,

Da horta e do pomar,

E bico alegre e estomago contente,

E o camello do cura que se aguenta,

Que engrolle o seu latim e vá bugiar!...

Grandes larapios!... Era o que faltava.

Vocês irem ao milho,

E a mim mandar-me á fava!

Pois muito bem, agora que vos pilho

Eu vos ensinarei, meus safardanas!

Vocês são mariolões, são ratazanas,

Tem bico é certo, mas não tem tonsura...

E nas manhas um melro nunca chega

Ás manhas naturaes d'um padre-cura.

O melhor vinho que encontrar na adega

É para hoje, olé!... Que bambochata!

Que petisqueira! Melros com chouriço!...

E então a Fortunata

Que tem um dedo e um geito para isso!...

Heide comer-vos todos um a um,

Lambendo os beiços, com tal gana enfim

Que comendo-vos todos, mesmo assim

Eu fico ainda quasi que em jejum!

E depois de vos ter dentro da pança,  
Depois de vos jantar,  
Vocês verão como o velhote dança,  
Como elle é melro e sabe assobiar!...»

Mas n'isto o padre cura titubante,  
Quasi desfallecendo,  
Atonito de horror, parou deante  
D'este drama estupendo:

O melro, ao ver aproximar o abade,  
Despertou da atonia,  
Lançando-se furioso contra a grade  
Do carcere. Torcia,  
Para os partir os ferros da prisão,  
Crispando as unhas convulsivamente  
Com a furia d'um leão,  
Batalha inutil, desespero ardente!  
Quebrou as garras, depenou as azas  
E hallucinado, exangue,  
Os olhos como brazas,  
Heroe febril, a gotejar em sangue,  
Partiu n'um vôo arrebatado e louco.  
Trazendo dentro em pouco  
Preso no bico um ramo de veneno,  
E bello e grande e tragico e sereno  
Disse:

«Meus filhos, a existencia é boa  
Só quando é livre. A liberdade é a lei.

Prende-se a aza, mas a alma vôa...  
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!-->

E mais sublime do que Christo quando  
Morreu na cruz, maior do que Catão,  
Matou os quatros filhos, trespassando  
Quatro vezes o proprio coração!  
Soltou, fitando o abade, uma pungente  
Gargalhada de lagrimas, de dôr,  
E partiu pelo espaço heroicamente,  
Indo cahir, já morto, de repente  
N'um carcavão com silveiraes em flôr.

E o velho abade, livido d'espanto,  
Exclamou afinal:

«Tudo que existe é immaculado e é santo!  
Ha em toda a miseria o mesmo pranto,  
E em todo o coração ha um grito igual.  
Deus semeou d'almas o universo todo.  
Tudo o que vive ri e canta e chora...  
Tudo foi feito com o mesmo lodo,  
Purificado com a mesma aurora.  
Ó misterio sagrado da existencia,  
Só hoje te adivinho,  
Ao vêr que a alma tom a mesma essencia  
Pela dôr, pelo amor, pela innocencia,  
Quer guarde um berço, quer proteja um ninho!  
Só hoje sei que em toda a creatura.

Desde a mais bella até á mais impura,  
Ou n'uma pomba ou n'uma fera brava,  
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!...

.....

.....

Ah, Deus é bem maior do que eu julgava!...»

E quedou silencioso. O velho mundo,  
Das suas crenças antigas, n'um momento,  
Viu-o sumir exausto, moribundo  
Nos abysmos sem fundo  
Do tenebroso mar do Pensamento.  
E chorou e chorou... A Egreja, a Crença.  
Rude montanha pavorosa, escura,  
Que enchia o globo com a sombra immensa  
Dos seus setenta seculos d'altura;  
O Himalaia de dogmas triumphantes,  
Mais eternos que o bronze e que o granito,  
Onde aos prophetas Deus falava d'antes  
Entre raios e nuvens trovejantes  
Lá dos confins siderios do infinito;  
Esse colosso enorme, em dois instantes  
Viu-o tremer, fender-se e desabar  
N'uma ruina espantosa,  
Só de tocar-lhe a aza vaporosa  
D'uma avesinha tremula, a expirar!...

.....

.....

E, arremessando a biblia, o velho abade

Murmurou:

«Ha mais fé e ha mais verdade  
Ha mais Deus com certeza  
Nos cardos secos d'um rochedo nú  
Que n'essa biblia antiga... Ó Natureza,  
A unica biblia verdadeira és tu!...»<sup>[1]</sup>

1. [↑](#)

O facto em que se baseia este poemeto, com quanto pouco conhecido, é absolutamente verdadeiro. Os melros e algumas outras aves, como os pintasilgos e os rouxinoes, quando lhes encarceram os filhos, envenenam-n'os. Muitas vezes, (sarcasmo tragico, crueldade sublime!) deixando-os vivos, arrancam-lhes a lingua! Ora nem todos os melros, pintasilgos e rouxinoes assassinam os filhos, quando lh'os prendem. Só o fazem os mais extraordinarios, os mais heroicos. O que nos demonstra que a acção é livre e responsavel, e não um simples producto d'uma fatalidade organica. É pena que Michelet ignorasse este facto. Que paginas divinas que elle não teria escripto! L'Oiseau ficou incompleto.

(Fragmento)

Deus & Filho. Bazar da fé. Venda forçada.  
Pela barca de Pedro, a Judas consignada,  
Chega um rico sortido em modas da estação.  
Vêr para crêr! Surpreza! Attenção, occasião  
Unica! aproveitai, comprai! Pechincha certa!  
Ao bazar do Calvario! Ao Nazareno! Alerta,  
Christãos! É o desfazer da feira. Ultimo dia!  
Toda a casta de objecto ou de quinquilharia  
Que esteja em relação com negocios de egreja.  
Vellas especiaes para quando troveja,  
Aplacando de prompto a colera divina.  
Sem cheiro e sem mistura alguma de stearina.  
Santa Barbara, a quem a fé christã se roja,  
Quando atrôa, não gasta as vellas d'outra loja,  
Nem outras recommenda o concilio de Trento.  
Em pacotes de seis. Por junto abatimento.

Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho  
E em garrafa. Exigir a marca Deus & Filho  
Na etiqueta, e na rolha, a fogo Providencia  
Genuina só a ha á venda n'esta agencia.  
Dez annos de successo e mil milhões de curas  
Efficaz contra a caspa e contra as mordeduras  
De cobra cascavel ou cão damnado ou pulga  
Ou percevejo. Faz, Tartufo assim o julga,

Nascer ao mesmo tempo o appetite e o cabello,  
Bôa no hemorroidal e util no serampello.  
Reumatismos, terçãs e outras molestias varias  
Cura-as n'um prompo. Expulsa as bichas solitarias  
E expulsa o Demo. Purga: os ventres desentupe-os.  
Sem colicas, com tres ou quatro semicupios.  
Em cegos de nascença e tísicos de peito  
Isso então é instantaneo, é certo o seu effeito.  
Uma perna amputada unta-se, e em dois instantes  
Torna a crescer e fica inda maior que d'antes.  
Em leicenças não falha. Em dôr de dentes, isso  
É bebel-a e ficar sem dôr. Não ha feitiço  
Que resista. Uma vez uma morta tomou-a,  
Espirrou e ficou inteiramente boa!  
Prevenimos no entanto o publico defuncto  
Que casos d'estes ha uns trinta e dois por junto  
Apenas. Endireita a espinhela cahida,  
Extrae callos, reduz fleimões, prolonga a vida,  
Marca a roupa, e sem damno algum e sem fedor  
Tórna o cabello e a barba á primitiva côr.

Reliquias. Sortimento a capricho. Em ossadas  
Dos apostolos, hoje as mais acreditadas  
No mercado, chegou variedade infinita,  
Cabeças de S. João, só vendo se acredita,  
Onze mil! onze mil, e damol-as sem ganho!  
Os preços é segundo o feitiço e o tamanho.  
(E convem declarar e advertir desde já  
Que ossos de imitação não se encontra por cá.

Atestados legaes e autenticos o provam.)  
Ha um monumental e rico S. Christovam,  
Oito metros de largo e uns oitenta de altura,  
Que, como não tem tido até hoje procura,  
Decidimos vender, para liquidação,  
A retalho. É de graça: o kilo a meio tostão.  
O publico achará sempre n'este bazar  
De qualquer santo, ainda o mais particular,  
Um esqueleto ou dois continuamente á venda.  
Desejando porção, fazem-se de encommenda.  
Desconto extraordinario em transações por grosso.  
Garante-se o fabrico e a solidez do osso  
Que empregamos. A todo o esqueleto montado  
N'esta casa vai junto, e em forma, um atestado  
Escripto sobre a pel' e pela propria mão  
Do proprio santo, a quem a carcassa em questão  
Pertencera, e que diz: — Eu juro á fè de Deus  
Que estes ossos, tal qual estão, eram os meus.  
Aviso: é bom comprar peças sobrecellentes:  
Pelo menos um sacro, um nariz e alguns dentes.  
Encontram-se tambem avulso qualquer d'ellas  
Coccixs, peroneus, omoplatas, costellas.  
Tibias, tarsos, enfim tudo que uma alma pia  
Possa achar n'um manual christão de osteologia.  
Em dedos do Destino ha um soberbo exemplar:  
É o mesmo que escreveu outr'ora a Balthasar  
No salão do festim a tragica sentença,  
Dá-se por dez tostões essa caneta immensa  
Do Destino ha tambem o olho verdadeiro,

Em vidro ou em cristal, por duzia ou por milheiro,  
Negros, verdes, azues, obra muito barata,  
Engastado em oiro, em nickel ou em lata.  
E hoje a grande moda, e são d'um bello effeito  
Para botões de punho e alfinetes de peito.  
Ha emfim mais de dez milhões de toneladas,  
De craneos sem valor, e de antigas ossadas,  
Que o caruncho roeu e converteu em cisco,  
Como são vinte mil braços de S. Francisco,  
Et cet'ra... Esse calcareo, (inutil n'esta casa,)  
Vende-se para esterco a trez vintens a raza.

Vera-cruz. Qualidade esplendida, extra-fina  
Authentica; a melhor que vem da Palestina.  
Em pó, em serradura, em lascas, aos boccados,  
E posta em obra desde a cama de casados,  
Desde o piano d'Erard ou da credencia até  
Ao baculo do bispo e ao steeck do crevé.  
Trabalhada a primor em mil objectos varios:  
Em facas de cortar papel ou em rosarios,  
Em imagens do papa ou em boquilhas, em  
Cabides, castiças, prezepes de Bethlem,  
Bandejas para chá, agnus-Dei, cruxifixos,  
Lavatorios, etc. Ao rabais. Preços fixos.  
Nos nossos armazens com serras a vapor  
Vendemol-a igualmente, a cruz do Redemptor,  
Em ripas; em pranchões e em traves collossaes  
Para marcenaria e construcções navaes.

.....

.....

Como hoje o negocio está muito bicudo,  
Trespasa-se o armazem do Calvario com tudo  
Que tem dentro. Escrever para o nosso bazar,  
Largo dos Intrujões, 5, 1º andar.

A obra está completa. A machina flameja,  
Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.  
Mas antes de partir mandem chamar a Igreja  
Que é preciso que um bispo a venha baptizar.

Como ella é com certeza o fructo de Cain,  
A filha da razão, da independencia humana,  
Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,  
E convertam-n'a á fé Catholica Romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados,  
Porque é feita de cobre e ferro; e estes metaes  
Sahem da natureza, impios, escommungados,  
Como sahimos nós dos ventres maternas!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ella encerra,  
Extrahi a heresia ao aço lampejante!  
Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra,  
E hade ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,  
Como um sonho febril, n'um doido turbilhão,  
Além do machinista e necessario o hyssope,  
E muita theologia... além d'algum carvão.

Atirem-lhe uma hostia á bocca famulenta,  
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-n'a a resar,

E lancem na caldeira um jorro d'agua benta,  
Que com agua do céo talvez não possa andar.

(Vendo passar seminaristas)

Olhae, vede-os passar em legiões escuras,  
Intonsos, apesar de todas as tonsuras,  
Com um ar imbecil, caliginoso, estranho,  
Marcados a tesoura assim como um rebanho,  
E envoltos em crueis balandraus de entremez,  
As lobas, sob as quaes ha lobos muita vez!...  
Ó galuchos da Fé, recrutas do Divino,  
Que um chocalho de bronze hiperbolico um sino  
Faz erguer, faz dormir, faz deitar, faz andar,  
Eu não sinto por vós, marionetes do altar,  
Nem odio nem rancor. Sois victimas. Loyola  
Dobra-vos a cerviz com a canga da estola,  
E jungindo-vos, bois nocturnos, ao arado,  
Rasga comvosco o negro e funebre vallado  
Aonde o vosso Deus semeia para a infancia  
A flôr da estupidez e o trigo da ignorancia.  
A Igreja, a cortezã sensual de ventre obeso,  
Hontem mulher de Christo e hoje mulher de Creso,  
Para a rapina odiosa e vil de que se nutre  
Mochos, deu-vos a calva ortodoxa do abutre!  
Matilha de Leão XIII a vossa preza é o mundo,  
Tartufo, bode obsceno e theologo profundo,  
Ensina-vos, conforme o ritual mais perfeito,  
A cruzar, como S. Francisco, as mãos no peito,  
Sob a sotaina arqueando a gravidez das panças,

A impor jejuns, benzer caixões salgar creanças,  
A grunhir, a ladrar sermões, missas cantadas,  
E a escripturar o céu por partidas dobradas.  
Não vos odeio não, palidos salafrarios;  
Vós sois unicamente os comparsas mortuarios  
Do papa, esse Barnum que assombra a multidão,  
Com o Espirito Santo a vir comer-lhe a mão  
Satanaz a frigir (sarrabulhada tragica!)  
Heresiarchas de estopa em caldeirão de magica,  
E Jehovah, um urso estúpido e cruel  
A lamber-lhe a sandalia, a babojar-lhe o anel,  
E a ameaçar furibundo este mundo precito  
A rufos de trovões no tambor do infinito.  
A Igreja é uma serpente escura, bicho immundo,  
Gigantesco reptil que dá a volta ao mundo,  
E em cujas espiraes ebrias de raiva insana  
Um Lacconte immortal a consciencia humana;  
Ha seculo se estorce em convulsão atroz.  
Os ellos d'esse monstro implacavel sois vós,  
Sacristas. A cabeça é o papa.  
Ora as serpentes  
Tem a força na cauda e o veneno nos dentes.

I

Valla commum — tasca nojenta,  
Mesa redonda sepulchral,  
Aonde a toalha crapulenta  
É um lençol roto do hospital,

E aonde as larvas proletarias  
Devoram lugubres festins!  
Craneos de heroes, ventres de parias,  
Carcassas podres de arlequins,

Ao contemplar-te, ó libertina,  
Um nojo immenso me accomette:  
Tens a avidez de Messalina  
Na boca negra de Machbet!

Na treva aziaga o crime o os vicios,  
Para o menu do teu jantar,  
Dão-te as creanças dos hospicios  
E as barregãs do lupanar.

Em teu estomago de hyena  
Vão-se abysmar, monstro cruel,  
Rios de sangue com gangrena  
E ondas de lagrima com fel.

Cloaca putrida e funerea,

Feira da ladra edionda e vil,  
És o saguão onde a miseria  
Despeja á noite o seu barril.

Trituras, lobrega sargeta,  
Sem que o horror te engasgue e abafe  
Os seios virgens de Julieta  
E a pança obscena de Faltstaff.

Cinismo atroz que a alma oprime,  
Fetida e funebre impudencia!  
A boca esqualida do crime  
Posta na boca da innocencia!

O abutre e a pomba, o cardo e a anemona  
Na mesma leiva apodrecida:  
Tropman chegando-se a Desdemona,  
E Papavoine a Margarida!

Virtude, amor, crime, deboche  
Promiscuamente a fermentar!  
Mimi Pinson e Rigolboche!  
Cain e Abel! estrume e luar!

Oh, bulimia tenebrosa!  
Monstruosidade apocalyptica  
Tudo te serve: ou cancro ou rosa,  
Ou flôr doirada ou flôr syphlitica.

Anjos que vem do paraiso,  
Candura etherea e perfumada,  
Feitos d'um beijo e d'um sorriso,  
N'algun jardim, de madrugada.

Vão confundir-se n'essa guella,  
N'essa pestifera anarchia  
Com quantas lepras uma viella  
Possa escarrar n'uma enxovia!

As guilhotinas homicidas  
Pelo carrasco, o fiel criado,  
Mandam-te o lunch ás escondidas  
No seu panier ensanguentado,

E o cadafalso, um salteador,  
Na noite livida estrangula  
Feras, que arroja no estertor  
Aos antros podres da tua gulla.

Nada que te encha ou te sufoque.  
Monstro, absorver é o teu destino.  
Depois da ceia de Moloch,  
Ruges co'a fome de Hugolino

Sempre a comer, monstro insensato,  
E a boca sempre escancarada!  
O esquife, harpia, eis o teu prato!  
E o teu talher a pá e a enxada!

Valla commum, despenhadeiro  
De lirios brancos e de sapos,  
Furna onde o Nada, esse trapeiro,  
Faz o armazem dos seus farrapos.

Quantos heroes oh raiva, oh odio!  
Teu lobo amargo apodreceu  
Desde Aristogiton e Harmodio  
Até Camões e Galileu!

Deus que te fez sempre esfaimada,  
Deu-te tambem, pança gigante,  
Por cosinheiro Torquemada,  
E Bonaparte por marchante.

Atila e Nero o tigre e o lobo,  
Noventa e tres, Saint Barthelemy,  
Eis hecatombes para o globo  
Que são banquetes para ti.

Quando famelica te nutres  
D'um Warterloo, grandiosa prosa,  
Sustentas todos os abutres  
Só co'as migalhas da tua mesa!

Para o teu ultimo festim,  
Gargantua sordido e voraz,  
Foi aos açougues de Berlim

A Morte a encher o seu cabaz.

Es magro e funebre molosso  
Ha milhões d'annos sempre a uivar:  
Ó Guerra, traz-me o meu almoço!  
Ó Peste, traz-me o meu jantar!

Servo, Fella, Moujik, Escravo,  
Plebe sem pão, mendigos nús,  
Bocas que tem ainda o travo  
Do fel da esponja de Jesus;

Martyres, victimas, proscriptos,  
Legião de heroes resplandecente,  
Que ensangentados e maldictos  
Revoluteiam febrilmente,

Raios no olhar, grilhões nos pulsos,  
Ao céo em brasa a fronte erguida,  
Nos sete circulos convulsos,  
Do inferno tragico da Vida;

Todo esse exercito ululante  
Quo em rouco e pavido tropel  
Vem pela historia humana adiante,  
Desde Cain até Rossel;

Tudo que estoira de miseria,  
Tudo o que ruge na oppressão,

Desde o grilheta da Siberia  
Até ao paria do Indostão;

Todo esse barbaro massacre,  
Da guerra, enorme Leviatan,  
Zama, Farsalia, S. João d'Acre,  
Jena, Austerlitz, Sedan;

Todo esse vomito de horrores  
E do catastrophes sombrias,  
Profundo atlantico de dores,  
Negro Himalaia de agonias,

Todo esse lodo Deus impelle-o  
Ao teu estomago sem dó:  
És a barriga de Vitellio,  
Cheia das pustulas de Job!...

## II

E entre esse tabidos fermentos,  
Entre esses horror de coisa más,  
Fóssa á procura de alimentos,  
Um porco immundo--Satanaz.

Essa latrina de Pandora,  
Pensando bem, é a final  
A escarradeira onde expectora  
Jehovah a bilis immortal.

Como elle é velho, com o frio  
Tósse; o Prudhome diz-lhe então:  
— Deus, aqui tens este bacio...  
Não vás cuspir no meu salão.

E ás vezes do alto do infinito,  
Talvez depois d'um mau jantar,  
O Padre Eterno faz cabrito  
E enche o bacio a transbordar.

E o pote enorme onde cuspinha  
O truculento Manitu,  
Sem ninguem vêr, logo á noitinha  
Vai despejal-o Belzebut.

Vai despejal-o, ó crueldade!  
Lá nessas torridas galés,  
Onde Deus assa a humanidade  
No fogo a que elle aquece os pés!

Porque, ó eternos desherdados  
Da raça impura de Cain,  
Morrendo sois encaixotados  
Sem agua benta e sem latim.

Se algum vos dão é já com ranço,  
É já latim para hospitaes,  
Feito com cisco de ripanso

E as varreduras dos missaes.

A igreja dá, barata feira!  
Ao vosso ultimo estertor  
Oleos de azeite de purgueira  
E ostias de trapos com bolor.

Por isso a valla é um alçapão  
De d'onde rue a todo instante  
Um tremedal de podridão  
N'um mar de enxofre flammejante.

Castigo barbaro e nefando!  
Em monstruozos caldeirões  
Ondas de pez tonitruando,  
Roucos, uivando, aos borbotões,

E dentro vós, pobres captivos,  
Em sangue, em chagas, todos nus,  
A morrer sempre e sempre vivos,  
Sempre a coser e sempre crus!

Em lagos rutilos de estanho,  
Bramindo pragas em latim,  
Milhões de herejes tomam banho...  
Olhae que espiga um banho assim!...

Estes frigididos em certans,  
Dentro do azeite que extravasa.

Outros perneando, como rans,  
Na empalação d'um raio em brasa!

Uns são torrados sobre grelhas.  
E os diabos vem continuamente  
N'aquellas nadegas vermelhas  
Cravar com furia o seu tridente!

Muitos estoira-lhes a pança  
Entre os colericos anneis  
De vinte cilhas, que lembrança!  
Feitas de cobras cascaveis!

E em torno aos fulgidos brazeiros  
Onde um bom Deus, poderoso e justo  
Rebenta as almas aos milheiros,  
Como as castanhas n'um magusto,

Pincham selvaticos fandangos  
Satans freneticos e maus,  
Rabudos como ourangotangos,  
Cornudos como Menelaus!

E é por não dar uns seis ou sete  
Tostões ao odre de um abade  
Que a Providencia vos derrete,  
Impios, por toda a eternidade!

Congrua e foliar palha e bolota

Ao teu abade, impio, não dás?  
Pois bem, Deus põe-te de compota  
N'um molho ardente de aguarraz.

Ah, tu rebelde, ah, tu faminto,  
Nunca a chorar foste depor  
Tres mil remorsos com um pinto  
Nas mãos d'um padre confessor?

Ah, tu mandaste a Egreja á fava?  
Nunca compraste uma cartilha?  
Cose-te em pez, torra-te em lava.  
Anda, meu besta, meu pandilha!

É em quanto Deus te frita os untos  
E o coração n'uma panella,  
Que vida airada os bons defunctos  
Passam no céo!... que vida aquella!

Pois cá por baixo aos maganões  
Nunca tambem lhes faltou nada;  
Tiveram crenças e milhões...  
Deus gosta assim de gente honrada.

Comeram optimos jantares,  
Perfeitamente digeridos;  
Foram christãos e titulares.  
Bons paes, bons filhos, bons maridos.

Aos seus palacios luculianos  
(O que é virtude e pundonor!)  
Durante quasi oitenta annos  
Não bateu nunca um só credor!

Amaram todos os pecados,  
Que são mortaes, mas são gentis,  
Com todo o encanto fabricados  
Para os banqueiros, em Pariz.

Dormira sempre n'um bom leito  
Co'as mais formosas cortezãs.  
E o ventre sempre satisfeito,  
E livre... todas as manhãs.

Gozaram sim, mas na verdade  
Foram á missa muitas vezes,  
Com toda a pompa e magestade  
Dentro dos seus landeaus inglezes.

Se algum remorso impertinente  
As almas castas lhes mordia,  
Catava-o logo com um pente  
Um bispo n'uma sacristia.

Crendo nos dogmas mais profundos,  
E achando a vida um bom lameiro  
Tiveram sempre Auctor dos Mundos  
Por um perfeito cavalheiro.

Deram de graça a varios santos,  
A Jesus Christo e á mãe das Dôres  
C'roas, chinós, tunicas, mantos,  
Burseguins d'ouro e resplendores.

Por isso o tal Author, que acabo  
Do vos citar, os tratou bem;  
Deus é levado do diabo  
Só para os pulhas sem vintem.

E quando ao cabo da funcção,  
Velhos sem dentes, já na espinha,  
A Morte, de chapéu na mão,  
Lhes foi tocar á campainha,

Para espicharem dignamente,  
Agasalhados na sua cama,  
O papa enviou-lhes de presente  
A benção n'este telegrama:

«Remete benção Divindade.  
Legado Pedro quinze contos.  
Escrevi céo Hotel Trindade  
Tenham chegada quartos promptos.»

E após um grande funeral,  
A que assistiu o high-life inteiro,  
Desde o arcebispo ao general

E desde o príncipe ao banqueiro,

Seus corpos, onde não remexe  
O verme vil que trinca os parias  
Embalsamados do escabeche  
Em grandes latas funerarias,

No palacete d'uma campa  
Foram guardados, qual thesoiro,  
Dentro d'um cofre em cuja tampa  
Ha versos maus em letras d'oiro.

E as almas, promptas para a festa  
Do seu olimpico noivado,  
Com uma aureola na testa  
E azas soberbas no costado,

Partiram leves, subrepticias.  
Entre o esplendor de cem auroras,  
Lá para o Reino de Delicias.  
Onde estarão a estas horas

Feitas bebés, comendo um keque,  
Tocando frauta ou tamboril,  
Ou arrastando a aza em leque  
Ingenuamente... ás onze mil.

Ah, miseravel, ah precito,  
Que lá dos baratros christãos

Ergues ao Tigre do infinito  
Os dois archotes das tuas mãos,

Vê tu como é conveniente,  
E justo em todos os sentidos,  
Herdar um homem d'um parente  
Seiscentos contos garantidos,

Gozar, sem medo á vida eterna,  
Toda esta bella patuscada,  
Desde a luxuria mais moderna  
Á gula mais civilisada,

E ao terminar tão bom fadario  
Morrer, ouvindo alguns latins,  
Com treze kilos de calcareo,  
Onze na alma, e dois nos rins;

E, na mais intima harmonia  
Com Satanaz e com Jesus,  
Ir para a cova á luz do dia,  
De farda rica e de gran-cruz,

E entre tocheiros deslumbrantes  
Ser bem comido e bem jantado  
Por alguns vermes elegantes  
N'um gabinete reservado!...

O meio dia bateu já na torre da Igreja.  
A aldeia é silenciosa e triste. O sol flameja.  
Entre o surdo murmúrio abrasador da luz,  
Como n'um grande forno, os grandes montes nus  
Recosem-se, espirrando as urzes d'entre as fragas.  
Um mendigo demente e coberto de chagas  
Dorme estirado ao sol n'uma modorra espessa;  
E o mosqueiro febril nas lepras da cabeça  
Enterra-lhe zumbindo o caustico das lanças.  
Andam só pela rua os porcos e as creanças.  
Fome, desolação, luto, viuvez, miseria  
Na aldeia morta. A terra esqualida e funerea  
Em lugar das canções da abundancia e do amor,  
Do trigo verde a rir dentro da sebe em flor,  
Calcinada e cruel cospe violentamente  
Só o cardo torcido, epilectico, ardente,  
Rompendo duro e hostil, como a praga blasfema  
D'um assassino quando um carcereiro o algema.  
Secaram-se de todo as fontes e os regatos.  
As cobras na aridez crepitante dos matos  
Silvam. O ar carboniza as arvores sequiosas  
N'uma rutila poeira intensa de ventosas.  
Dos montes nus além nas seccas epidermes  
Os rebanhos são como um pulular de vermes.  
E a bobada do céu, concha de zinco em braza,  
Onde não passa a nodoa aerea d'uma aza,  
Implacavel contempla a terra solitaria,  
Como um sultão fitando a carcassa d'um paria!

E o tifo germinou n'esta miseria adusta.  
A epidemia, a alma errante de Locusta.  
Diabolica e subtil fermenta envenenada  
No asfixiante esplendor da atmosphaera esbrazeada.  
D'entro da escuridão soturna dos casebres  
Os velhos aldeões, minados pelas febres.  
Agonizam; e em seu delirio derradeiro,  
Entre o concavo som da enxada do coveiro  
E o rouco psalmodear dos latins agoirentos,  
Ouvem loucos de dor os funebres lamentos  
Dos magros bois de olhar moribundo e sereno.  
Que estão là baixo ao pè do estabulo sem feno,  
A mugir, a mugir, por terra, abandonados  
Juncto ao velho esqueleto inutil dos arados!

A espaços da profunda e tragica nudez  
D'uma choupana irrompe um grito de viuvez,  
Um clamor de orfandade... E o sino chora então  
Lagrimas sepulcraes de bronze na amplidão.  
A colera de Deus, cujo olhar encendeia,  
Correu como uma loba hidrophoba na aldeia.  
Não ha lume no lar, nem ha pão nos armarios.  
Entre os dedos das mãos famintas os rosarios  
Passam piedosamente e inutilmente, em quanto  
A Morte, a hiena magra e vesga, espreita a um canto  
Um berço onde agonisa um anjo, ho dor cruel!  
Como um roto mendigo á porta d'um vergel  
Sofregamente espreita algum fructo outoniço

A tombar já sem côr d'um ramo já sem viço!

E a aldeia invoca, implora os anjos tutelares.  
Morre de fome e veste as santas nos altares  
Com oiro e com brocado, Os cirios noite e dia  
Alumiam a branca imagem de Maria,  
Como tremulos ais de luz agonisantes  
A erguer-se para o céu! Procissões ululantes  
De penitencias vão convulsas, desgrenhadas,  
Esfacellando os pés nas pedras das calçadas,  
Dilacerando o peito, arrancando os cabellos.  
E com mil visões torvas de pesadellos,  
Uivando a Deus em rouco e barbaro clamor  
Que seja pae que veja essa infinita dór,  
E lânce áquella immensa angostia, áquella magoa  
Um olhar onde enfim brilhe uma gota d'agua!

.....  
Em vão, em vão, em vão! A tarde o sol frenetico  
Morre congestionado, estonteado, apopletico,  
E de manhã explue na lividez do oriente,  
Caustico, a chammejar como um remorso ardente!  
E nas noites febris, sem ar, sem roxinoes,  
E que o azul é um brazeiro esplendido de soes  
E em que parece que ha dispersas na atmosphaera  
As vaporisações surdas d'uma cratera,  
Por detraz da montanha asperrima, escavada,  
A lua cheia, rubra, opaca, ensanguentada,  
N'um silencio soturno, esmagador, que opprime,  
Rompe sinistra como a apparição d'um crime!

E comtudo n'aquella aridez flamejante,  
Sem um ramo frondoso em que uma ave cante,  
N'aquelle illimitado incendio abrasador,  
Oh sarcasmo cruel! ha dois oasis em flor,  
Com duas tropicaes plethoras de verdura:

Um é o cemiterio, o outro o passal do cura.

No cemiterio a Vida impetuosa e forte  
Rompe a cantar do ventre uberrimo da Morte.  
Pampanos, silveiraes, cardos, ortigas, rosas,  
Plantas meigas de idilio e plantas tenebrosas,  
A mandragora, a murta, a madresilva, o feto,  
Tudo isto a latejar, a fecundar, repleto,  
N'um emaranhamento anarchico pulula  
Doido de sol, febril de seiva, ebrio de gula!  
Ha uma saturnal juncto de cada cova,  
Um cadaver que chega é uma iguaria nova,  
Que os vermes decompõem em gangrenas protervas  
Para a sofreguidão muda, obscura das hervas.  
E quando do seu antro a larva tumular  
Diz á planta: «Aqui tens na meza o teu jantar,  
Vem comel-o!» milhões de raizes reptis,  
Sanguesugas que tem por bocas bisturis,  
Vão haurir, absorver, vampirisar no fundo  
D'essa cloaca obscena esse banquete immundo,  
Um fetido e viscoso esterquelinio de horrores,  
Que é o pão que Deus fez para engordar as flores!

E da tumba do hospicio hora a hora resvalla  
Uma carga de entulho humano para a valla.  
Juntam-se aos nove e aos dez, rimas de carne morta,  
Na mesma cova. A idade e o sexo pouco importa.  
Confundem-se no podre açougue subterraneo.  
E em quanto uma raiz de lirio suga um craneo  
E uma pustula dá o perfume a um nectario,  
No azul celeste paira o corvo sanguinario,  
O tumulto suspenso, o esquife que se eleva,  
Brandindo em cada flanco uma foice de treva!  
..... Dir-se-hia que o Destino,  
O velho Thug, o velho e tragico assassino,  
Depois de uma hecatombe insensata e brutal,  
A escondera, lançando em cima um madrigal,  
Um manto de verdura e corolas vermelhas,  
Todo estrellado do oiro em brasa das abelhas.

E o presbiterio? Olhae:

Branco como um noivado.  
Trepadeiras á porta e pombas no telhado.  
Ha n'esse ninho occulto em verdura frondosa  
Como que um bem-estar simples e côr de rosa.  
Era um ninho discreto, um bom ninho fiel,  
Para sugar um favo a tres luas de mel.  
Anacreonte, o velho erotico divino,  
Contente encerraria alli o seu destino,  
Pobre, alegre, feliz, sem remorsos, sem dores,  
A calvicie jovial sob um chinó de flores,

O copo sobre a meza, a musa sob os joelhos,  
Ao ar livre, a cantar os desejos vermelhos,  
A beleza, o prazer, a juventude e o só,  
Com a graça d'um merlo e a voz d'um rouxinol.

Vejamos essa estancia idilica e tranquilla.  
Mas cuidado! ha lá dentro um padre e um cão de fila.  
E ambos mordem. Mas, como ambos roncam a sesta,  
Entremos. Logo aqui no pateo pela fresta  
Da tenebrosa adega aberto um poucachinho  
Sahe um aroma intenso e rico de bom vinho.  
O abade é beberrão. Casca-lhe muito e bem.  
Lá pinga como a d'elle isso ninguem na tem.  
Sabe da poda, é mestre! A adega até dá gosto  
Entrar a gente lá n'uma tarde de Agosto.  
Que frescura, que aceio e que nectar! Noé  
Precisaria ali da capa de Japhet  
A todo o instante, e o proprio abade e mais a ama  
Tem feito d'essa adega o seu quarto de cama  
Varias vezes... O amor pella-se por bom vinho.  
Se Venus foi sua mãe, Bacho foi seu padrinho.  
Sensata opinião que o nosso abade aprova,  
Sobretudo se o vinho é velho e a mulher nova.  
Nos rotundos toneis e nas cubas inchadas,  
Panças monumentaes prenhes de gargalhadas,  
Dormem alegremente e silenciosamente  
Os trinta mil pifões que o Padre-Omnipotente,  
Em seu alto designio e enfinalta bondade,  
Destinou para o odre insaciavel do abade.

E na fresqueira um rico e secular thesoiro  
Ambrosias ideas velhissimas, côm do oiro,  
Mormuram baixo em voz cristalina e maviosa  
Uma canção de amor entre um beijo e uma rosa,  
E em que a rosa abre ao beijo as petalas vermelhas  
Sob frêmito alado e diaphano de abelhas.  
Com tão raro elixir, que è como um sol poente,  
Que já não dá calor, mas que illumina a gente,  
O proprio Satamaz, faço-lhe essa justiça,  
Não tinha repugnancia alguma em dizer missa,  
E eu mesmo, é minha vergonhosa conficção,  
Mas em suma, que diabo!... eu dava em sachristão!

E junto á dega existe a tulha sempre cheia...  
Mas subamos depressa emquanto o abade orneia  
A dormir pois se acorda e me conhece, foi-se  
A visita e per cima arruma-me algum coice.  
Vamos pé ante pé, de vagarinho. A salla  
É vasta e branca. Tem nos muros a adornal-a  
Sagrados corações de Jesus flamejantes,  
Mães, de Deus com olhar no céu e dez trinchantes,  
A traspasar-lhe o peito, um Pio nono a cores.  
Cordeirinhos pascaes, anjos, araras, flores,  
Tudo em missanga, e emfim um D. Miguel primeiro  
A froque, que eu comprava a peso de dinheiro.  
Do tecto enegrecido em bategas jucundas  
Pendem bellas maçãs camoesas rubicundas,  
Cachos d'uvas ainda a rir, peras marmelas,  
Encaixilhado tudo á volta com morcellas.

Em seis bahús de coiro e em arcas de castanho  
Guarda o cura o bragal precioso, o rico amanho  
Caseirinho, lençoes d'uma finura extrema,  
Ás grozas, rescendendo alecrim e alfazema!  
E, segundo se diz, tambem deve haver n'essas  
Arcas monumentaes muita somma de peças.  
Ao fundo a livraria: uma pequena estante  
N'uma banca ordinaria e simples de estudante.  
No centro tem um vão com um Christo inaudito  
Nas vascas do caruncho agonisando afflicto,  
Burlesco manipanço alvar de fórmias toscas,  
Negro das dejecções sacrilegas das moscas.  
Soltos na estante em quatro ou cinco pratelleiras  
Ripanços de orações, de sermões e de asneiras,  
Que fornecem ha já trinta annos exactos  
Pão de espirito ao cura e pão do corpo aos ratos.  
E entre os livros ha tudo. É uma loja de adéllo.  
Pacotes com rapé, um baralho, um marmelo,  
Esporas, saquiteis com semente, de ervilha,  
Garfos, um grande corno, um copo, uma rodilha.  
Malgas com marmelada e frascos com compotas,  
E até mesmo um chapéu sebento e um par de botas!  
Sobre a mesa o tinteiro e o solideo. E aberto  
Um breviario tal, que cheirado de perto  
Fulmina, um breviario exotico, onde emfim  
Ha já muito mais sebo e traça que latim!

E a todo e qualquer canto em rumas assassinas,  
Marmeleiros, bordões e mócas e clavinas.

E pendendo sombria e, tragica d'um muro,  
Come se fosse a pel' d'um grande monstro escuro,  
A loba, um balandrau de dobra espectraes,  
Feito para espantar as almas e os pardaes,

Contigua á salla existe a alcova. É lá que dorme  
O hipopotamo. Vede: O catre e desconforme;  
Cabiam n'esse vasto enxergão á vontade  
A preguiça d'um porco e a luxuria d'um frade,  
O cura espapaçado, esbandalhado, ronca,  
Inuda-lhe o suor odioso a testa bronca,  
O cachaço taurino e as papeiras que vão  
Desde o queixo ao umbigo em graça ondulação.  
A bôca comilona, erotica, sensual  
Traz á lembrança o fauno obsceno e o canibal.  
E a dentadura podre, esse armazem de guano,  
É qual desmantelado aqueducto romano.  
Que sordido animal! que bandulho! que bojo!  
Tem cerdas na cabeça e nas orelhas tojo!  
E o nariz? o nariz! que farol! que obelisco!  
Pantagrueu deu-lhe a cor, Gargantua deu-lhe o risco.  
É o nariz de Falstaff, epico, em grandio gala,  
Purpureado e incendiado a fogos de bengala.  
De quando em quando a ama, herculea mocetona,  
Um peixão! sempre alegre e sempre brincalhona,  
Vem ligeiro enxotar com precauções imensas  
Os insectos sem fê e os moscamos sem crenças,  
Que ousam depòr, que horror! a tal coisa indecente  
Nos rubros alcantis d'esse nariz ingente.

Eu nunca vi, meu Deus, nariz tão exquisito!  
Ruge como um trovão, silva com um apito!  
É talvez o nariz por onde tocará  
Trombeta o Creador no val' de Josaphat!  
Dos mais complexos sons percorre a escala... alcoolica:  
Umás vezes imita uma fruta bucolica  
E outras um cavernoso órgão de Rilhafolles,  
Com um grande Titan bebado a dar as folles.  
As vezes um fragor rouco de temporal  
Quer bramir atravez do Himalaia nasal  
Do abade, mas achando os dois toneis do monte  
Entupido de esterco infecto e de simonte,  
Retrocede e lá vai por outro sorvedeiro  
Expluir com profundo e tremebundo estoiro!...

.....  
Mas que sastifação beatifica se nota  
Na vasta estupidez d'aquella cara idiota!  
E sabeis porque dorme olimpico e risonho  
O abade? É porque teve inda ha pouco esse sonho:  
Sonhou ver desfilar, oh ventura illusoria!  
Um prestito pagão, um cortejo de gloria,  
A acclamal-o. Na frente uma vara sombria  
De bacoros roncava em côro esta poesia:

Deus fez o porco para o frade.  
Deus destinou-nos os presuntos  
Para os seus untos,  
Senhor abade.  
Grunhamos, pois, grunhamos todos juntos:

Viva o abade! Viva o abade!!

Succediam-se logo em manadas e em bando  
Perdizes e perus e patos conclamando:

Patos, perus, galinhas e perdizes  
Somos felizes!  
Oh, que ventura!  
Como é doce morrer tendo a certeza  
De bem assados em manteiga inglesa  
Ir para a meza  
Do senhor cura!  
Oh, que ventura! oh, que ventura!...

N'um carro triumphal trovejava depois  
Um tonel arrastado a cem juntas de bois:

O sonho, o canto e a dança  
Vivem na minha pança,  
Que trilogia!  
Sonhar, dançar, cantar!  
A tristeza morreu um bello dia  
N'um lagar.  
Vá, Padre-mestre, com bizzarria!  
Cantaro á bôca, toca a virar!

Meu Padre mestre, nunca o teu bico  
Provou ainda vinho tão rico,  
Sem confeição!

Vinho como este  
Nunca o bebeste,  
Não!

Vá Padre-mestre, põe-me um repuxo,  
Muda-me todo para o seu buxo,  
Meu tubarão!  
Depois rolemos, ás gargalhadas,  
Dando umbigadas,  
Dando pançadas  
No chão!...

Um gracioso tropel de donzellas formosas,  
Frescas e virginaes como botões de rosas,  
A saia curta, o rir breigeiro, o arzinho honesto,  
Deixando vêr a perna e fantasiar o resto,  
Vinha cantando atraz esta canção feliz,  
Ao som de theorbas d'oiro e avénas pastoris:

Somos tresentas sessenta e seis,  
Olhos maganos, bocas em flor...  
Dignas de reis!  
E vimos todas, senhor Prior,  
Dar-vos aquillo que vós sabeis...  
Somos tresentas sessenta e seis!  
Um calendario d'anno bisexto,  
Feito d'amor!  
Livro novinho!... papel e testo!...  
Abra-lhe as folhas sem medo ao sexto,

Abra-lhe as folhas, Padre Prior!

Caminhavam por fim, ronceiros, de vagar,  
Os grandes carroções da Congrua e Pé de Altar,  
Puxados a duas mil parelhas de jumentos,  
Zurrando esta epopeia heroica aos quatro ventos:

Senhor Parocho, toda a freguezia,  
Uns quatro mil onagros,  
Muito magros  
Vem trazer isto a Vossa Senhoria.  
Desculpe, senhor Parocho, a ousadia...  
A offerta é bem mesquinha, é desgraçada.  
Uns oitocentos moios simplesmente  
De milho, de feijão, trigo e cevada.  
E nós sabemos que um tão mau presente  
Para o seu dente  
Não chega a nada! não chega a nada!  
Mas é boa a intenção:  
Nós reservamos para si o grão,  
E para nós a palha unicamente  
Dar ao senhor Prior  
Miseria assim, é vergonhoso até...  
Mas aceite este mimo sem valor...  
Senhor Parocho aceite-o, por quem é!...  
E agora, senhor Parocho, a sua benção,  
Porque os onagros pensão  
Que ella salva das chammas infernaes;  
E em paga de tal dom, de tal carinho

Rogaremos ao céu pelo focinho  
Lhe permita engordar cada vez mais.  
Boa pinga e bom porco alentejano,  
E sempre nedio e alegre e satisfeito!...  
Senhor Parocho, viva!... até p'ró anno...  
Até p'ró anno... e muito bom proveito!...

O abade, vendo aquella espondosa ovação,  
Cresceu como uma torre e inchou como um balão.  
E ao mirar-se com garbo heroico e triumphal  
Surprehenheu-se de annel e cruz episcopal!  
E, impando de vangloria e atonito de espanto,  
Inchou mais meia legua e cresceu outro tanto!  
Contemplou-se depois com magestade ufana,  
E, oh céos! viu-se vestido em porpura romana!  
Cardeal! cardeal! cardeal! que honra, que posição!  
E subiu de tal forma ovante na amplidão  
Que o Himalaia, envolto em suas neves eternas,  
Disse a um condor: — Vai ver lá cima aquellas pernas;  
— Cardeal! Não será sonho ou magico feitiço?!  
Eu Cardeal!!... — Apertou entre as mãos o tontiço,  
E em logar d'um chapéu tingido com zurrapas,  
Encontrou o diadema olimpico dos papas!  
Papa!... E de tal maneira ergueu a fronte sua  
Que com ella partiu os chavelhos da lua!  
Em torno do nariz e á volta das orelhas  
Zumbiam-lhe tremendo os astros, como abelhas.  
Ser papa! ser rei do céu e o rei do mundo!  
E lá do alto do abysmo esplendido e profundo

Lançou o mar e á terra a sua benção sagrada.  
E o mar mudou-se em vinho e a terra n'uma empada!  
E o colosso voraz, de vêr coisas tão bellas,  
Debruçou-se, agachou-se, escancarou as guelhas,  
E enguliu d'uma vez o assombroso follar,  
Bebendo-lhe por cima o vinho todo o mar!  
Depois empanturrado, inflado, um pouco torto,  
Atirou-se a dormir mais pesado que um morto,  
Arrotando trovões.....

.....

E em quanto o abade ronca e grunhe sem cuidados  
Dobram plangentemente os sinos afinados,  
Cortam o espaço os ais do estertor derradeiro,  
E entre as germinações frescas do bom lameiro  
A ègoa abacial c'oa respectiva cria,  
(A quem, se fosse d'elle, o abade chamaria  
Afilhada) lanzuda opipara, pacata,  
Livre, sem albardão, sem freio e sem arreata.  
Na monastica paz dos ventres satisfeitos  
Com luserna viçosa e tenra até os peitos  
Envolta no esplendor fulvo do sol poente,  
Mansa, fitando o azul, rincha orthodoxamente!

Jehovah, por alcunha antiga o Padre Eterno  
Deus muitissimo padre e muito pouco eterno,  
Teve uma ideia suja, uma ideia infeliz:  
Poz-se a esgaravatar co-o dedo no nariz,  
Tirou d'esse nariz o que um nariz encerra,  
Deitou depois isso cá baixo, e fez a terra.  
Em seguida tirou da cabeça o chapéu,  
Pol-o em cima da terra, e zás, formou o céu.  
Mas o chapéu azul do Padre Omnipotente  
Era um velho penante, um penante indecente,  
Já muito carcomido e muito esburacado,  
E eis ahi porque o céu ficou todo estrellado.  
Depois o Creador (honra lhe seja feita!)  
Achou a sua obra uma obra imperfeita,  
Mundo serrafaçal, globo de fancaria,  
Que nem um aprendiz de Deus assignaria,  
E furioso escarrou no mundo sublumar,  
E a saliva ao cahir na terra fez o mar.  
Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos  
Com bulas da cruzada alguns cruzados novos,  
E Tartufo podesse inda d'essa maneira  
Jejuar, sem comer de carne á sexta feira,  
Jehovah fez então para a crença devota  
A enguia, o bacalhau e a pescada marmota.  
Em seguida mettu a mão pelo sovaco,  
Mais profundo e maior que a caverna de Caco,  
E arrancando de lá parasitas extranhos,

De toda a qualidade e todos os tamanhos  
Lançou sobre a terra, e d'este modo insonte  
Fez elle o megatheiro e fez o mastodonte.  
Depois, para provar em summa quanto póde  
Um Creador, tirou dois pellos do bigode,  
Cortou-os em milhões e milhões de bocados,  
(Obra em que elle estragou quatrocentos machados)  
Dispersou-os no globo, e foi d'esta maneira  
Que nasceu o carvalho o platano e a palmeira.

.....

Por fim com barro vil, assombro da olaria!  
O que é que imaginaes que o Creador faria?  
Um pote? não; um bicho, um bipede com rabo,  
A que uns chamam Adão e outros Simão. Ao cabo  
O pobre Creador sentindo-se já fraco.  
(Coitado, tinha feito o universo e um macaco  
Em seis dias!) pensou: — Deixem-nos de asneiras.  
Trago já uma dôr horrivel nas cadeiras,  
Fastio... Isto dá cabo até d'uma pessoa...  
Nada, toca a dormir uma sonata boa!  
Descalçou-se, tirou os oc'los e chinó,  
Pitadeou com delicia alguns trovões em pó,  
Abriu, para cahir n'um somno repentino,  
O alfarrabio chamado o livro do Destino.  
E enflanelando bem a carcassa caduca,  
Com o barrete azul celeste até á nuca,  
Fez orthodoxamente o seu signal da cruz

Como qualquer de nós, tossiu, soprou á luz,  
E de pança p'ro ar, n'um repouso bemdicto,  
Espojou-se, estirou-se ao longe do infinito  
N'um immenso enxergão de nevoa e luz doirada.  
E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.

# I

O vigario de Deus na terra disse um dia  
Aos batalhões do clero:  
Tragam-me o manto d'ouro e seda que cobria  
As espaldas de Nero.

E trouxeram-lhe o manto, um manto do brocado,  
Da purpura mais fina,  
Com escarros de lodo obsceno, inda empastado  
No sangue de Agripina.

E o papa continuou: «Preciso armar o braço,  
Para dictar as leis;  
Fabriquem-me uma espada enorme com o aço  
Das espadas dos réis.»

E trouxeram-lhe o gladio. O papa ficou mudo,  
N'um assombro d'espectro.  
De subito exclamou: «Ainda não é tudo;  
Tragam-me agora um sceptro!»

Trouxeram-lh'o. E depois d'um silencio profundo  
Rugiu como um leão:  
«Tragam-me agora o mundo!» E pozeram-lhe o mundo  
Na palma da sua mão.

E sopesando o globo e arrancando o montante

Enorme da bainha,  
Bradou pela amplidão: «Sou Jupiter-tonante!  
Humanidade, és minha!

Eu tenho o gladio e o sceptro, a excomunhão e a bulla;  
Sou o Deus, sou a Fé.  
Miseravel reptil, Humanidade, oscula  
A ponta do meu pé!»

E sentando-se sobre o coração da Italia  
O satrapa romano  
Estendeu desdenhoso o bico da sandalia  
Para o genero humano!

## II

N'esse instante um fantasma entrou nos regios paços.  
Serenos e formidavel.  
Encarou fixamente o rei, cruzando os braços  
No peito inabalavel,

E trovejou, deixando o papa sacrosanto  
Livido, espavorido:  
«Sou a Fraternidade. Entrega-me esse manto  
E essa espada bandido!»

Despedaçou-lhe o gladio e a tunica purpurea,  
E sahiu triumphal.  
E o papa horrorizado, espumando de furia,

Uivou como um chacal:

«N'esta invencível mão d'abutre encarquilhada  
Guarda o melhor thesoiro.  
Ficou-me ainda o sceptro. Era de ferro a espada...  
Prefiro o sceptro... é d'oiro!»

E o papa viu então, oh tragica anciedade  
Um vulto sobrehumano  
Avançar e bramir: —O meu nome é Igualdade;  
Dá-me o sceptro, tyranno!

Quebrou o sceptro e foi-se. E o papa, como um lobo  
Sombrio respondeu:  
«Na minha forte mão ainda sustento o globo...  
Ainda o globo é meu!...»

E desatou a rir... um riso sanguinario  
De panthera. Depois  
Surgiu novo fantasma herculeo, extraordinario,  
Maior que os outros dois.

E como o rebentar potente d'um trovão  
Que abala a immensidade  
O fantasma rugiu: — Não me conheces, não!  
Chamo-me a Liberdade!

«Venho buscar o mundo. Entrega-o, salteador!  
É meu o globo, harpia!»

E arrancou-lh'o. Soltando um grito, no estertor  
Convulso da agonia,

Tombou por terra o papa. E repentinamente  
Viu surgir-lhe do lado  
Um esqueleto a rir, todo fosforecente,  
Podre, desengonçado,

Que he disse: — Morreu, ó Papa, o nosso imperio,  
Morreu o mundo antigo.  
Tu chamas-te Alexandre, eu chamo-me Tiberio...  
Vem-te deitar commigo!...

E como um caçador fantastico que leva,  
Sangrenta e moribunda,  
Uma hyena a gemer, de rastos, pela treva  
N'uma noite profunda,

O esqueleto levou para a crypta sombria  
O cadaver do irmão,  
Indo dormir os dois na eterna mancebia  
Da mesma podridão!

Quando eu morrer abram-me o peito  
E d'esta jaula, onde houve um leão,  
Tirem, o carcere era estreito,  
Meu velho e ativo coração.

Depois sem dó e sem respeito,  
Sem um murmúrio de oração,  
Lancem-no assim, vai satisfeito,  
Á valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça  
No lodo amargo da Desgraça,  
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha  
Estoira ao fim d'uma batalha,  
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

# Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),<sup>[1]</sup> biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#)<sup>[2]</sup> ou da [GNU FDL](#),<sup>[3]</sup> à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).<sup>[4]</sup>

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Manoel-Rio
- Luckas Blade
- Giro720

- 
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
  2. [↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
  3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
  4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)